



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Artes e Letras

A oralidade no processo de ensino-aprendizagem do português no ensino secundário

Mariana Sofia Casteleiro Gomes

Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em **Ensino do Português
e do Espanhol no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor José Henrique Rodrigues Manso

Covilhã, outubro de 2017

A oralidade no processo de ensino-aprendizagem do português no ensino secundário

Mariana Sofia Casteleiro Gomes

Relatório de Estágio para obtenção do grau de Mestre em **Ensino do Português
e do Espanhol no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino
Secundário**

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor José Henrique Rodrigues Manso

Covilhã, outubro de 2017

Agradecimentos

“O único lugar onde o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário”

(Albert Einstein)

Em todos os momentos da vida é imprescindível a participação de um conjunto de pessoas, que se mostram fundamentais na concretização de qualquer tarefa. Desta forma, dou uso a esta página para reconhecer e agradecer os esforços de quem me ajudou no decorrer do estágio pedagógico:

- Às professoras orientadoras, Alice Carrilho e Verónica Cruz, pela devoção, disponibilidade e incentivo, pelas palavras encorajadoras, pelo vasto conhecimento transmitido e pelo verdadeiro sentido do que é ser professor.
- Ao Professor Doutor Henrique Manso, orientador da Universidade da Beira Interior, que em todos os momentos se mostrou prestável em contribuir para o meu sucesso, ajudando a ultrapassar obstáculos.
- Às minhas colegas de estágio, Ana Janela e Rita Dias, que se revelaram grandes companheiras, sempre dispostas a ajudar, contribuindo para que o estágio fosse gratificante e enriquecedor, aprendendo a trabalhar em equipa.
- Aos meus pais que sempre se esforçaram e me apoiaram ao longo deste caminho.
- Ao meu irmão, João, pelo carinho e ajuda, pela dedicação e apoio incondicional, e também pela tolerância.
- Ao Norberto, que se revelou a pessoa mais importante, incentivando-me, elogiando-me e que me manteve de cabeça erguida.

Um profundo e sincero

Obrigada!

Resumo

O presente trabalho foca-se no estudo da oralidade enquanto componente da avaliação nas aulas de língua portuguesa. Nesse sentido, no primeiro capítulo será abordada a oposição e complementaridade que existe entre a oralidade e a escrita, refletindo de que forma a primeira é aplicada nas aulas. O uso da fala possibilita opinar, criticar, expor factos, discordar, entre muitas outras coisas, e é sabido que forma parte de uma das componentes de avaliação. Mas será realmente explorada da melhor forma na sala de aula? Será que os alunos estão preparados para qualquer tipo de exposição oral? E os professores? Terão os professores acesso a materiais suficientes e adequados que consigam levar os alunos a pôr em prática a oralidade? Tentar-se-á responder a estas questões, recorrendo à análise das Metas Curriculares e dos manuais escolares da disciplina, dado que são ferramentas usadas quer pelos professores quer pelos alunos. A partir da observação de algumas exposições orais serão retiradas algumas conclusões sobre a prestação dos alunos.

Com o propósito de finalizar o 2.º ciclo de estudos em Ensino do Português e do Espanhol no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário foi realizado um estágio pedagógico. O segundo capítulo engloba uma reflexão relativa ao trabalho desenvolvido no respetivo estágio no ano letivo 2016/2017, realizado na Escola Secundária Quinta das Palmeiras, na disciplina de português e na disciplina de espanhol. Os objetivos da prática pedagógica centraram-se, essencialmente, na aquisição de conhecimentos e competências que se exigem que um professor tenha, através da inserção em toda a realidade que engloba a escola, desde lecionação, reuniões, atividades extracurriculares e inter-relacionamentos com toda a comunidade.

Dado que este estágio consistiu numa prática supervisionada bidisciplinar, ao longo deste capítulo caracteriza-se a escola e as turmas atribuídas, a metodologia e recursos utilizados, descrevendo sucintamente a participação nas atividades extracurriculares desenvolvidas quer pela escola quer pelo núcleo de estágio. É de realçar que este ano permitiu vivenciar uma experiência enriquecedora, possibilitando evoluir ao nível profissional e pessoal.

Palavras - chave

Oralidade; avaliação; estágio; atividades; competências; bidisciplinar; Metas Curriculares; manuais.

Resumen

El presente trabajo se centra en el estudio de la oralidad una vez que es un componente de la evaluación en las clases de lengua portuguesa. De este modo, en el primer capítulo se hablará de la oposición y complementariedad entre la oralidad y la escrita, reflexionando sobre de qué modo la primera está aplicada en las clases. El uso del habla permite que los hablantes opinen, critiquen, expongan hechos, estén o no de acuerdo, entre otras cosas, y es del conocimiento general que forma parte de la evaluación, pero ¿será que es bien explotada en el aula? ¿Será que los alumnos están listos para cualquier tipo de exposición oral? Y los profesores, ¿tendrán acceso a materiales suficientes y adecuados que permitan que los alumnos practiquen la oralidad? Se procurará contestar a estas cuestiones, analizando las Metas Curriculares y los manuales de la asignatura, una vez que son herramientas usadas por profesores y alumnos. A partir de la observación de algunas presentaciones orales se sacarán conclusiones sobre el desempeño de los alumnos.

Con el propósito de terminar el máster en “Ensino do Português e do Espanhol no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário”, fue realizada la práctica pedagógica. En el segundo capítulo se incluye una reflexión relativa al trabajo desarrollado durante las prácticas en el curso 2016/2017, realizadas en la “Escola Secundária Quinta das Palmeiras en la asignatura de portugués y en la asignatura de español. Los objetivos de la práctica pedagógica se centraron en la adquisición de conocimientos y competencias que son exigidas a un profesor, a través de la integración en toda la realidad que engloba la escuela, desde el impartir las clases, el asistir a reuniones, las actividades extracurriculares y las relaciones laborales que se establecen con todas las personas que forman parte de este entorno, o sea, padres, profesores, auxiliares, estudiantes.

Una vez que las prácticas fueron supervisadas en dos asignaturas, al largo del segundo capítulo se caracteriza la escuela y los grupos estipulados, la metodología y recursos utilizados, describiendo brevemente la participación en las actividades extracurriculares desarrolladas por la escuela y por el núcleo de las profesoras en prácticas. Es importante realzar que este año nos permitió vivir una experiencia enriquecedora, posibilitando evolucionar a nivel profesional y personal.

Palabras - clave:

Oralidad; evaluación; práctica pedagógica; actividades; competencias; bidisciplinar; Metas Curriculares; manuales.

Lista de Figuras

Figura 1 - Distribuição dos textos de uso falados e escritos	6
Figura 2 - Objetivos gerais das Metas Curriculares	14
Figura 3 - Metas Curriculares 11º ano - oralidade	15
Figura 4 - Metas Curriculares 12º ano - oralidade	16
Figura 5 - Página do índice do manual Mensagens 11º ano	19
Figura 6 - Exercício de expressão oral, página 50 do manual	20
Figura 7 - Exercício de expressão oral, página 62 do manual	20
Figura 8 - Informação das Metas Curriculares no manual Mensagens 11º ano, página 332	21
Figura 9 - Ficha informativa incluída no manual, página 63	22
Figura 10 - Estrutura da apreciação crítica presente na SIGA, página 358	23
Figura 11 - Página do índice do manual Expressões 12º ano	24
Figura 12 - Exercício de expressão oral, página 15 do manual Expressões	25
Figura 13 - Atividade de leitura de imagem e exposição oral, página 55	25
Figura 14 - Atividade de leitura de imagem e expressão oral, página 216	26
Figura 15 - Atividade de dramatização, página 219	26
Figura 16 - Exercício de debate, página 265	27
Figura 17 - Visão aérea da escola	35
Figura 18 - Elementos do núcleo de estágio	37
Figura 19 - Árvore decorada pelos alunos	60
Figura 20 - Cartaz alusivo à data comemorativa	60
Figura 21 - Cartaz informativo do dia celebrado	61
Figura 22 - Decoração das portas das salas de aula	61
Figura 23 - Caveiras decoradas	62
Figura 24 - Cartaz respetivo das atividades realizadas	62
Figura 25 - Exposição de poemas para o concurso	62
Figura 26 - Eleição do amigo secreto, retirando ao acaso o seu nome	63
Figura 27 - Decoração para a árvore de natal	63
Figura 28 - Escolha do amigo secreto, aleatoriamente	63
Figura 29 - Professoras coordenadoras, Alice Carrilho e Verónica Cruz, com as professoras estagiárias no jantar de natal	63
Figura 30 - Prova escrita do CNL	64
Figura 31 - Prova oral do CNL	64
Figura 32 - Cartaz informativo da realização da palestra	65
Figura 33 - Alunos presentes na atividade, no auditório da escola	65
Figura 34 - Segredo da Mensagem revelado	65
Figura 35 - Cartas escritas pelos alunos	66
Figura 36 - Marcadores e flores oferecidas aos alunos	66

Figura 37 - Cartaz divulgador do Peddy - Paper.....	67
Figura 38 - Decoração da escola com frases relacionadas com a leitura	67
Figura 39 - Decoração da escola com andorinhas	67
Figura 40 - Visita exterior ao Palácio de Seteais	68
Figura 41 - Quinta da Regaleira	68
Figura 42 - Professores acompanhantes na viagem, na Catedral de Santiago de Compostela .	69
Figura 43 - Alunos presentes na viagem, na Praça do Obradoiro.....	69
Figura 44 - Escadaria do Santuário do Bom Jesus de Braga	69

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Ficha de heteroavaliação da oralidade	29
Tabela 2 - Ficha de autoavaliação da oralidade.....	30
Tabela 3 - Descrição das funções delegadas por estagiária e por período letivo - disciplina de português.....	38
Tabela 4 - Descrição das funções delegadas por estagiária e por período letivo - disciplina de espanhol.....	38

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
ESQP	Escola Secundária Quinta das Palmeiras
MEC	Ministério da Educação e Ciência

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Resumen.....	v
Lista de Figuras	vi
Lista de Tabelas.....	viii
Lista de Acrónimos	ix
Introdução	1
Capítulo 1: A oralidade no processo de ensino-aprendizagem do português no ensino secundário	3
1.1 A oralidade e a escrita: oposição e complementaridade	3
1.2 A oralidade no processo de ensino-aprendizagem	7
1.3 A oralidade aplicada nas aulas de português no ensino secundário	9
1.4 As Metas Curriculares e o domínio do oral	13
1.5 O espaço da oralidade nos manuais escolares.....	19
1.6 Apresentações orais dos alunos do ensino secundário: análise.....	28
Capítulo 2: Estágio Pedagógico.....	33
1. Contextualização	33
2. Descrição da escola	34
3. O núcleo de estágio	36
4. As turmas atribuídas: caracterização	37
5. Atividade letiva em português e em espanhol	42
5.1 Primeiro período.....	43
5.2 Segundo período	46
5.3 Terceiro período.....	54
6. Atividades extracurriculares desenvolvidas.....	60
Considerações finais.....	70
Referências Bibliográficas.....	74
Anexos	77

Introdução

Considerando o atual sistema político democrático, a educação pode ser entendida como uma prática que tenta dar ao aluno ferramentas que lhe possibilitem tornar-se num cidadão culto e crítico, questionador e curioso. No entanto, a escola não é o único lugar em que se fala de educação, nem o docente é o único educador (Brandão 1995:4). Todavia, existem atos sociais e culturais que permitem aos alunos interagir na sociedade, integrando-os nela e abrindo-lhes portas para uma caminhada bem-sucedida. Falamos da prática da oralidade e da escrita, por exemplo.

A oralidade, segundo o dicionário, diz respeito ao “uso de processos orais” (Costa 2014: s.v. “oralidade”). Foi durante muitos séculos o principal meio de comunicação e transmissão de mensagens. Trata-se, pois, de um processo que se inicia antes, pelo que não compete apenas à escola ensinar os alunos a falar, indo a sua tarefa um pouco mais além, pois como afirma Schneuwly numa entrevista à revista Nova Escola: “cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais” (Pellegrini 2002). Ou seja, a oralidade deve ser trabalhada na escola para situações específicas, como entrevistas, debates ou exposições sobre um tema.

Desta forma, o tema deste relatório de estágio incide sobre uma competência essencial nas aulas de língua e, de certo modo, transversal a todas as disciplinas, a oralidade. Trata-se de uma das várias componentes das aulas de português, a par da oralidade, da escrita, ou da compreensão auditiva, todas elas revelam dificuldades no momento da avaliação. É importante analisar de que forma a fala faz parte do processo-aprendizagem, de que forma é aplicada em sala de aula, quais as atividades incentivadoras incluídas nos manuais e determinar as principais dificuldades dos alunos quando confrontados com a sua prática.

Na maioria das situações em que os alunos elaboram uma exposição oral, observa-se que apresentam défice de vocabulário, com repetição de vocábulos, fraca articulação de ideias e dificuldade em argumentar ideias ou factos. Nesse sentido, é essencial refletir por que motivo isso ocorre, uma vez que, num mundo em constante mudança, competitivo em todas as áreas e domínios, não é suficiente saber escrever um e-mail ou uma mensagem. É de extrema relevância saber falar diante de situações variadas e para públicos diferentes.

A partir deste estudo pretende-se elencar as principais dificuldades que os alunos demonstram no que concerne às apresentações orais ou intervenções diárias durante as aulas, descrever a oralidade como uma prática importante em sala de aula, de forma a preparar os alunos para situações que enfrentarão no exterior, analisar as Metas Curriculares de 11º e 12º ano relativas ao domínio da oralidade, investigando, ainda, de que modo os manuais desses níveis de ensino incitam à sua prática.

Definidos os objetivos principais deste estudo começaremos com uma abordagem teórica ao tema, com análise de documentos, como as Metas Curriculares e os manuais adotados pela escola, a que se seguirá um ponto mais prático centrado na observação e análise de algumas

apresentações orais nas aulas de português, no ensino secundário. No final, será elaborada uma conclusão baseada nos dados e resultados alcançados, relacionados com o enquadramento teórico.

A oralidade é avaliada somente nas aulas de língua, no entanto, a fala é um instrumento que possuímos e que é usado em qualquer disciplina e em todos os momentos da vida. Assim, trata-se de um domínio mais abrangente e que deveria ser alvo de avaliação em todas as unidades curriculares, pois as dificuldades detetadas são comuns a todas elas. Na maioria das vezes, os professores veem-se confrontados com a falta de atividades e materiais que incitam à prática oral, uma vez que apenas se servem dela para transmitir conhecimentos.

Capítulo 1: A oralidade no processo de ensino-aprendizagem do português no ensino secundário

1.1 A oralidade e a escrita: oposição e complementaridade

A linguagem apresenta um caráter vivo e está constantemente a ser utilizada por diversos falantes. Ora, esse uso por parte de diferentes sujeitos e com características próprias faz da língua uma entidade viva e dinâmica. Sendo ela usada por um ser vivo, o Homem, é de notar que ele se encarrega de a ajustar à sua maneira, dependendo das circunstâncias em que tem de a usar.

O fenómeno da linguagem oral remonta a um passado longínquo e, embora a escrita seja uma descoberta antiga, é posterior à primeira. Existem muitas pessoas que deixaram o seu testemunho no mundo, mas sem escreverem uma única linha, e a verdade é que existiram pessoas sem saber escrever, mas a voz é inata ao ser humana.

A fala e a escrita caracterizam-se por serem os primeiros e também os métodos mais importantes que o homem possui para se expressar e comunicar. A nossa forma de exprimir, em especial a linguagem (aliada ao tom de voz e aos gestos que usamos) determinam a nossa personalidade, e o nosso nível linguístico define-nos. Desta forma, a inteligência, a criatividade, a cultura e/ou a imaginação é transmitida através da fala e da escrita.

A produção oral, a produção escrita, a compreensão auditiva e a compreensão leitora são os modos em que se dá uso à língua, e em todos estes modos ela gera representações através de léxico (Fernández 2002: 13).

A ideia de que a expressão oral é importante e necessária nas tarefas diárias está presente em todos os seres humanos, assim como a escrita. Veja-se a anedota:

“Un individuo se presentó en la oficina de un abogado: «He venido a usted porque Dios me dijo que era el mejor abogado del país.»
El abogado contestó: «Por favor, si vuelve a ocurrir, pídale que lo ponga por escrito.»”

(Mañé 2000:119)

No dia-a-dia, a maioria da comunicação que estabelecemos é através da fala, e é por isso que devemos tentar fazê-lo da forma mais correta possível. Se analisarmos a anedota, percebemos que os momentos mais importantes devem ficar registados, isto é, escritos para se perpetuarem no tempo. As palavras devem ser preservadas e guardadas, para recorrermos a elas quando houver necessidade e para que nunca se esqueçam.

Como é um ato tão comum, frequentemente, as pessoas não prestam atenção à forma como falam, esquecendo as correções linguísticas e gramaticais, pois apenas se concentram na obtenção dos resultados pretendidos com o que dizem.

A oralidade apresenta alguma supremacia face à escrita, pois é mais usada. No entanto, a nossa sociedade considera que o texto escrito tem mais valor, dada a possibilidade de ser permanente, uma vez que pensasse ser símbolo a educação e da aprendizagem, pois como afirma Marcuschi a escrita é derivada e a fala é primária (Marcuschi 2001:120). A escrita e a oralidade configuram, pois, dois tipos textos com características diferentes, mas tidos como complementares, conferindo um carácter híbrido à língua. Tome-se como exemplo o *chat* na Internet: possibilita o uso do texto escrito, através de mensagens que ficam armazenadas numa memória específica; possibilita também o uso da fala, como se fosse uma chamada; e ainda possibilita a demonstração de emoções e sentimentos, através dos *emojis* ou *emoticons*. Neste caso existem duas formas de construir o discurso, que se transmite de forma diferente.

De acordo com Carvalho: a oralidade e a escrita apresentam uma relação de interdependência e de sobreposição, não se podendo dissociar (Carvalho & Mendonça 2006:8). Por exemplo, numa obra de teatro a oralidade não é independente da escrita, assim como a escrita não é independente da expressão oral numa declamação. Desta forma, constata-se que certas atividades realizadas pelo Homem envolvem tanto a fala como a escrita, ao mesmo tempo ou em etapas diferentes da sua implementação, existindo outras que apenas exigem um tipo de discurso.

Embora utilizem o mesmo sistema linguístico, fala e escrita possuem características diferentes, próprias de cada forma de transmissão da mensagem. Em ambas as modalidades é possível a criação de textos coerentes, no entanto, a intenção do que se quer transmitir a falar ou a escrever não é a mesma, pois existe uma seleção de unidades lexicais e estruturas gramaticais para a língua falada e para a língua escrita. Veja-se o exemplo:

“Tá a chover.”

“Está a chover.”

A primeira frase apresenta uma conjugação errada do verbo estar, que frequentemente se pronuncia num discurso oral, a segunda encontra-se correta, e é associada ao discurso escrito. Ambas as formas significam o mesmo, a diferença entre elas reside na sua utilização.

A expressão oral depende mais da situação envolvente do que a escrita, uma vez que tem de se ter em consideração a quem se dirige o discurso, analisando a sua formalidade, não esquecendo que se trata de um discurso não permanente. Em poucas palavras, podia definir-se a escrita como a expressão visual paralela à oralidade, no entanto, a escrita não é uma representação fidedigna da fala, dado que existem fenómenos como a prosódia, que (Costa 2014: s.v. “prosódia”) ou a linguagem gestual e corporal que emitimos, que não se conseguem transpor para um papel (Flôres 2005:42). Quando se escreve pode alterar-se o tamanho, o tipo e a cor de letra que se usa, conferindo um carácter próprio a este modo de comunicar.

Por outro lado, os seres humanos utilizam a escrita e a fala em diferentes contextos, com diferentes propósitos, tendo em conta as suas necessidades e os seus interesses. Se determinado indivíduo tiver uma entrevista de emprego, terá de preparar um discurso oral devidamente adequado a tal situação. O léxico e as estruturas gramaticais usadas por ele serão tanto ou mais espontâneas conforme a sua preparação, uma vez que, se o diálogo for organizado, antecipando algumas questões, as suas respostas orais serão menos espontâneas do que se não houver qualquer tipo de preparação. Contudo, se esse mesmo indivíduo tiver uma entrevista, mas por via da escrita, é certo que as estruturas e as palavras escolhidas por ele serão mais cuidadas. Desta forma, percebe-se que a escrita e a fala partilham o mesmo sistema linguístico, e ainda que sejam transmitidas de forma diferente, constituem o mesmo objetivo, passar uma mensagem ao recetor.

Como já foi referido, ambas as modalidades de expressão têm semelhanças, no entanto, também apresentam algumas diferenças, como o distanciamento que existe entre interlocutor e recetor, que é mais visível na escrita, o tempo em que ocorre a transmissão, pois as mensagens orais caracterizam-se por serem mais imediatas, “dada a simultaneidade da emissão e receção” (Fernández 2002:31), e a finalidade do seu uso, pois um indivíduo elege a modalidade que se adequa à situação, de forma a que alcance o que deseja. Ou seja, as diferenças existem, mas não se relacionam com a própria atividade de interação. Existem textos que são mais usados na modalidade oral, e outros na escrita que em tudo se relacionam com as semelhanças e diferenças já referidas. Observe-se a imagem seguinte:

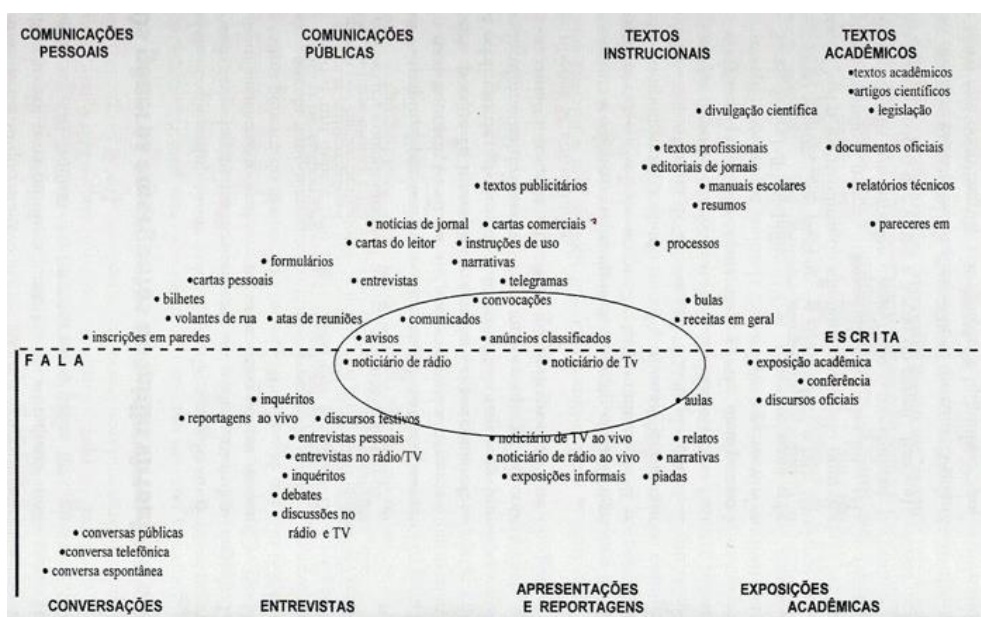


Figura 1 - Distribuição dos textos de uso falados e escritos

(Marcuschi, 2008: 137)

Percebe-se através do esquema apresentado que os textos tidos como mais formais fazem parte do leque de textos escritos, e que os menos formais, que requerem maior contextualização constituem os textos falados. No entanto existem enunciados, ou tipologias textuais mais difíceis de localizar numa ou noutra modalidade, sendo por isso intermodais, que tanto podem ser concretizados através da expressão oral ou da expressão escrita.

No geral, todos os linguistas defendem que oralidade e escrita mantêm uma relação de interdependência, com diferenças, mas sem estabelecerem uma ligação dicotómica que as eleva a polos estritamente opostos.

O Homem para ser considerado um ser comunicador e participativo na sociedade deve saber usar as competências essenciais da oralidade. Dado que a linguagem é uma característica típica dos seres humanos, houve a necessidade de esta ir evoluindo, quer de forma escrita ou oral. Assim, Brito afirma que “a linguagem se desenvolveu como fala na vida da espécie humana, e todos os sistemas de escrita são na origem parasitários da linguagem oral” (Brito 2010:198). Na verdade, a frase representa bem qual o papel que a fala tem na vida do ser humano e nos processos que dela surgiram, pois, o oral é um instrumento usado por todos no dia-a-dia, desempenhando um papel preponderante na formação e conseqüente afirmação do ser humano. Embora existam fatores que modificam a forma de praticar a comunicação oral, alguns autores defendem que “quanto mais elevado é o grau de alfabetização de uma sociedade e maior é nela a importância dos meios tecnológicos de comunicação, mais a fala se modela por referência ao escrito que” (Amor 2006: 63), ou seja é através da comunicação que a sociedade cria a sua identidade.

1.2 A oralidade no processo de ensino-aprendizagem

O processo ensino-aprendizagem é “o conjunto de ações em que se articulam as atividades de transmissão e de aquisição de informações e conhecimentos” (Gomes 1991:1). O professor transmite o saber e tem o dever de provocar interação entre os alunos.

Durante a prática letiva é provável que não se dê a devida importância a atividades que permitam praticar a expressão e a interação oral. Esta componente do saber é remetida para segundo plano por diversas razões: as turmas são numerosas, os programas e Metas Curriculares sofrem alterações frequentemente, relevando pouco esse domínio, os professores não possuem materiais e estratégias que permitam desenvolver a oralidade em sala de aula, os próprios alunos dão pouca importância à forma como falam. Este menor empenhamento dos discentes tem algumas razões: em primeiro lugar a avaliação ao domínio oral representa uma percentagem reduzida da nota final, e, em segundo, o próprio exame nacional a que os alunos de português estão sujeitos não contempla essa componente (apenas no ano letivo 2016/2017 foi inserido um exercício de compreensão do oral no exame de 3º ciclo). Todavia, é sobretudo através da expressão oral que os professores transmitem conhecimentos e valores aos seus alunos, e que eles próprios interagem em contexto de sala de aula com os seus colegas e com o discente.

Na escola do Estado Novo, o professor era visto como uma figura simbólica do poder, não existindo qualquer tipo de interação entre ele os seus alunos, ou seja, o professor representava o transmissor do conhecimento e os alunos o recetor do que era transmitido. Nos dias de hoje, e embora os docentes continuem a ser a figura que mais autoridade tem na sala de aula, os discentes estabelecem comunicação com eles, criam relações de amizade com eles e desempenham um papel ativo na sala de aula. É essa interação entre aluno-aluno e aluno-professor que estimula o discente a entregar-se às aulas. Repare-se que a oralidade é o processo educativo por excelência, dado que comunicar é, paralelamente, o meio e o objetivo do ensino e da aprendizagem (Sousa *cit.* por Carvalho (2016:32)). Deste modo, a escola não deve apenas preparar os alunos para que se expressem oralmente de forma correta, deve apresentar como principal objetivo a preparação dos alunos de modo a que se expressem nas duas modalidades, compreendendo o que ouvem e o que leem.

Nas aulas de português, o ensino da língua diz respeito ao modo pelo qual os conteúdos ganham forma nos textos. Posto isto, a oralidade perde as suas funções de intervenção, integração e socialização. Como os alunos não são confrontados desde o início do seu percurso escolar com estruturas complexas, tipicamente orais, torna-se uma tarefa impossível a avaliação desse domínio. Veja-se que, se os professores optarem por unidades didáticas que promovam a oralidade do aluno, poderão torná-lo um locutor mais eficaz e crítico. Efetivamente, um locutor com capacidades comunicativas em diferentes contextos será, mais facilmente, um interlocutor eficiente.

As Metas Curriculares davam primazia à leitura veiculando a convicção de que “a literatura se apresenta como domínio decisivo na compreensão” (Buescu 2014: 8), no entanto,

aceitavam como prioritárias “as capacidades de expor e argumentar” (*Ibidem*: 5). A aprendizagem dos usos da língua deve ser considerada um objetivo primário dos alunos (Neves 2009: 12), bem como a argumentação oral, numa situação quotidiana. Após a aquisição dessas competências, os discentes apresentarão maior facilidade em exprimir-se de forma escrita. Assim, o ensino constitui um ciclo, pois a melhoria em determinado domínio influencia os demais. Veja-se que os falantes, quando usam a linguagem, não concebem palavras ou frases isoladas (Duarte *cit.* por Buescu *et al.*, (2014:8)), e essa capacidade foi aprendida ao iniciarem a caminhada no mundo da oralidade, ou seja, desde o primeiro momento em que contactaram com a língua falada.

Todos os domínios devem estar abrangidos no processo ensino-aprendizagem e, na verdade, tanto fala como escrita ou leitura têm o mesmo objetivo ou finalidade, ou seja, possibilitar a transmissão de algo através de práticas comunicativas ou discursivas, no caso do transmissor, e receber, no caso do recetor.

Como já foi referido, é através da língua falada que cada vez mais os seres humanos se exprimem, seja em casa, no trabalho, com os amigos, inclusive na escola, uma vez que é esse o meio que professor e alunos usam para estabelecer conversas. A forma de falar de um professor, ou seja, o discurso por ele usado, pode permitir aos alunos desenvolver estratégias e processos de organização. Desta forma, a língua falada pode ser compreendida como simplificadora da aprendizagem da língua escrita: “não se concebe mais que a função da escola deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, o pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão sobre a língua que falamos (...) logo se descobriria a importância da língua falada, mesmo para a aquisição da língua escrita” (Castilho 1998: 13).

Nas aulas de português é dada maior relevância ao sentido do texto, interpretando-o, no entanto a forma como está estruturado, isto é, a sua forma diz muito sobre ele. De um modo geral, quando os alunos são confrontados ou solicitados a responder a questões no decorrer da aula, sentem-se envergonhados, mostrando uma postura corporal desconfortável e proferem expressões simples, monossilábicas e até a negar de resposta, como por exemplo: “não sei”, “sei lá”, “a resposta está debaixo da língua”, “estou confuso/a”, “agora não sei”, entre outras. Convém referir que com este género de respostas, as pessoas mostram-se preocupadas, até algo constrangidas, quando têm de falar em público, demonstrando medo, medo de falhar, de fazer má figura, ou de dizer algo errado. Por vezes, os alunos sabem as respostas às questões que lhes são pedidas, mas o medo de falhar impede-os de proferirem as palavras, ou de organizarem as ideias.

Ora, as atividades orais não podem ser reduzidas a duas ou três aulas, mas, dado o extenso programa que os professores de português têm de cumprir, não há a possibilidade de “despender ou gastar” mais aulas, vindo a dar menos importância a este domínio e à sua avaliação.

Com as reformulações no sistema de ensino, o professor não pode ser o único a representar um papel ativo na transmissão do conhecimento, não existindo qualquer

intervenção por parte dos alunos. Assim, estes devem exibir o seu papel na sala de aula, enquanto recetores do conhecimento, tendo como deveres responder, questionar-se e expor o que pensam ou sentem. Já o docente deve tentar encontrar estratégias comunicativas que ajudem o falante. Num primeiro momento, ele pode ignorar as falhas ao nível da estruturação gramatical, sintática ou pragmática. Mas qual será o objetivo do professor ao aceitar essas incorreções? Primeiramente, o aluno expõe as suas ideias e/ou pareceres, recorrendo a expressões pouco adequadas ao contexto, acompanhadas de gestos, cuja principal finalidade é conseguir dizer algo que se adequa à pergunta; e é este o objetivo do professor, que os seus alunos consigam expor-se oralmente. Num segundo momento, os alunos devem conseguir expor a sua opinião, mas nesta fase o professor deve corrigi-los, quando errarem na estruturação da língua. Como o professor não possui exercícios ou materiais próprios para a prática da oralidade, deve pensar em tarefas que coloquem os alunos a falar, de forma a que eles próprios ganhem confiança, se libertem e participem com maior frequência.

Um aspeto importante no conhecimento que os alunos têm da língua é a adequação do discurso à situação comunicativa, sabendo que tipo de vocabulário é apropriado a uma receita, a um anúncio publicitário ou a uma entrevista de emprego, por exemplo. O uso que os alunos dão à língua determinará a forma e o sentido do texto que criarem, seja ele na modalidade oral ou escrita. Assim, a capacidade oral deve ser desenvolvida de forma a que os alunos aprendam a integrar-se socialmente, uma vez que permite uma maior compreensão da realidade. E, de facto, “não é por acaso que comunidade e comunicar têm o mesmo étimo” (Moreira 2005: 20), a palavra latina “communem”.

Conclui-se que o aluno, à medida que aprende sobre a língua e a conhece, amplia a sua capacidade de comunicação e compreensão. Gradualmente saberá o que dizer, como o vai dizer, o público a quem se dirige, adequando o seu discurso a estes fatores, ou seja, à situação vivida. É na sala de aula que os discentes devem consciencializar-se criticamente face à oralidade, produzindo textos orais e escritos de qualidade e adequados ao pedido. Para além disso, serão adquiridas competências de cidadania, pois aprende-se a usar a palavra no momento adequado e nas situações pretendidas. É frequente o professor chamar os alunos à atenção, pois, na maioria das vezes não sabem quando é o momento oportuno para falarem. Este facto constitui um parâmetro de avaliação nas atitudes e valores, uma vez que demonstra o respeito que os alunos possuem ao falar ou não na sua vez.

1.3 A oralidade aplicada nas aulas de português no ensino secundário

No contexto educativo, a oralidade tem vindo a ser progressivamente valorizada. Todavia, a sua prática baseia-se essencialmente na espontaneidade, não sendo esta suficiente para o desenvolvimento da competência do oral. De facto, é na escola que os alunos são

incitados a desenvolver a competência da comunicação, pelo que estes devem ser alertados para o facto de a oralidade ou a fala possuir como característica principal a variação. Neste âmbito, existem variantes que importa considerar, tais como a forma como os falantes usam a língua, e os contextos, o tempo histórico em questão e a sociedade em que se inserem, por exemplo, um falante do povo do século XVI certamente não falará da mesma forma que um falante da burguesia do século XVIII.

As atividades didáticas que pratiquem a modalidade oral na sala de aula são praticamente inexistentes, dessa forma os professores sentem dificuldades em atribuir-lhe espaço durante as aulas de português. Ora, ensinar o domínio do oral não pode limitar-se às trocas verbais, que ocorrem entre alunos e entre alunos e professor, ou seja atividades de leitura expressiva ou pergunta/ resposta não é suficiente.

Assim, oralidade deve ser abrangida amplamente de forma a que não sejam esquecidas as tradições não escritas, como é o caso dos contos tradicionais ou populares, que sempre foram transmitidos por via oral. O nosso dia-a-dia encontra-se repleto de tecnologia, inclusive na escola, comunicando através do computador ou do telemóvel, não conferindo tanta importância a recursos que desde sempre se transmitiram pela via oral. Na sala de aula, os alunos não apresentam todos a mesma forma de falar, dado que existem características que influenciam a produção oral, devendo ser observadas e tidas em consideração durante a avaliação, nomeadamente: a idade, o sexo, a profissão ou atividades de tempo livre, o estatuto social, a religião, entre outras. Veja-se que em determinado contexto um pedreiro não terá o mesmo discurso que um médico, ou vice-versa. Não existindo qualquer ato discriminatório em relação a qualquer uma das profissões, a verdade é que a diferença existe dependendo das características de cada ser humano.

Os alunos devem consciencializar-se de que não existe uma única forma correta de falar, pois ela é variável e está subordinada às particularidades já mencionadas. Cada estudante terá a sua forma de falar de acordo com a região onde vive, por exemplo, um aluno proveniente do Alentejo certamente terá um modo de falar diferente de um aluno proveniente do Minho, contudo não significa que o primeiro seja mais correto ou o inverso. Durante a experiência profissional, neste caso no estágio pedagógico, trabalha-se com uma heterogeneidade de alunos e certas características denunciam a sua forma de falar. De facto, no decorrer das aulas, um aluno alentejano recusava-se a ler ou a responder a questões por achar que não o sabia fazer. Na verdade, a este aluno ocorreu o que ocorre com tantos outros, o medo de se sentirem ridicularizados, sentindo vergonha, uma vez que pensam que o discurso por eles usado é diferente da chamada “língua modelo”. Não existe uma língua modelo, e o sotaque não deve ser entendido como um erro. Existe a necessidade de consciencializar os alunos para o registo de língua que usam de acordo com a formalidade da situação.

Ao contactarmos com os alunos, é frequente perguntarmo-nos se estes possuem conhecimentos suficientes acerca da modalidade oral de forma a afirmarem-se na sociedade. De modo a responder a essa questão, durante o percurso escolar é pedido aos discentes que façam apresentações de cariz oral em cada período letivo. Estas consistiam em resumos de um

livro lido por eles, exposições sobre temas à escolha dos alunos ou do professor, com a possibilidade de manter uma relação entre esses temas e uma obra incluída no programa de português. No decorrer dessas apresentações/ exposições orais, os alunos têm a tendência de fazer-se acompanhar por um suporte, seja ele em papel ou digital, que contém as ideias principais do que vão expor, e em casos excepcionais a totalidade do discurso. A razão pela qual os alunos levam esse apoio resume-se à insegurança que eles demonstram quando são avaliados no domínio da oralidade. O temor de dizerem algo errado, de serem troçados pelos colegas deixa os falantes nervosos, levando à desorientação e ao esquecimento. Na verdade, este esquecimento não se deve somente ao nervosismo ou à tensão, por vezes deve-se à falta de preparação do tema a abordar, o que provoca a falta de ideias coesas e de argumentos, desafiando os alunos a improvisar.

Uma aula é em grande parte constituída por linguagem oral, no entanto, os professores não devem optar pela típica estrutura que limita as respostas dos alunos, ou seja, o docente faz uma questão e os alunos apenas têm de dizer a resposta correta, com posterior comentário do docente. Este modelo não incentiva os alunos a criticarem ou a exporem a sua opinião, uma vez que o professor apenas deseja a resposta à questão. Assim, o trabalho entre alunos (em pares ou em grupos) torna-se mais rentável, uma vez que potencia as relações entre eles, permitindo que falem durante mais tempo e de uma forma mais real, própria e autêntica. O objetivo das apresentações orais nas aulas deve ser o uso da linguagem oral e, quanto mais se assemelhar com a realidade, melhor será a comunicação. Assim, os alunos devem falar das suas experiências, tomando como exemplo situações verdadeiras.

Os estudantes devem ser orientados e preparados para cada modalidade textual oral que lhe for facultada. Ou seja, se o objetivo é elaborar uma apreciação crítica de uma música, o professor deve fornecer ao aluno bases e saberes prévios de como deve fazê-lo. Com esta pré-preparação, eles vão sentir-se mais seguros e confiantes relativamente aos trabalhos que vão apresentar.

Confirma-se o que foi exposto no capítulo anterior, ou seja, se o discente conhecer a língua e a forma como ela deve ser trabalhada, conseguirá tirar proveito dela e ser bem-sucedido nesta modalidade. Neste sentido, a aula de português deverá, na minha opinião, incluir momentos de interação verbal, onde se criem diálogos, debates, entrevistas, seminários que a tornem mais interativa e dinâmica, incutindo no aluno uma participação mais frequente. A linguagem é adquirida pelo aluno de acordo com o uso que o próprio lhe dê.

Regra geral os alunos não leem e não gostam de ler, apresentam dificuldades em perceber textos mais complexos e, quando se deparam com palavras cujo significado lhes é desconhecido, não têm curiosidade de procurar o seu significado ou o seu sinónimo. Esta é uma prática que ajuda os alunos a ampliar o seu vocabulário; não o fazendo, estão a contribuir negativamente para um défice na leitura e na oralidade. Como refere Rojo, a formação de leitores e de criadores de textos na escola é imperfeita, na medida em que não se promovem práticas sociais consideráveis com a linguagem (Rojo 2004:1).

A linguagem oral deve ser cultivada desde o início do percurso escolar, de forma a que os alunos, quando alcancem o ensino secundário, não apresentem problemas maiores no que concerne à expressão oral e, conseqüentemente, ao nível da compreensão. O uso da linguagem vai acompanhá-los o resto da vida, e cada aluno vai usá-la no seu futuro de acordo com o modo como a adquiriu. É frequente os professores do ensino secundário referirem que os seus alunos apresentam lacunas ao nível do domínio oral, quer na compreensão de exposições orais mais extensas, quer na expressão das suas dúvidas ou pontos de vista.

Existem atividades que podiam ser adaptadas e reaproveitadas de forma a avaliar a expressão oral, não insistindo os professores sempre nas habituais, com base na falsa ideia de que praticar a linguagem oral se reflete numa perda de tempo, acreditando que os alunos já o sabem fazer em todas as situações, tal facto não é verdade, uma vez que se vai comprovando ao longo do ano letivo. O domínio do oral só pode ser desenvolvido se os alunos estiverem perante situações específicas de discurso. Assim, nos capítulos seguintes serão enumeradas algumas atividades que a meu ver são adequadas ao nível dos alunos do ensino secundário e se revelam de grande utilidade para o futuro.

1.4 As Metas Curriculares e o domínio do oral

Desde muito cedo que a escola adotou “uma visão grafocêntrica da língua e da sua aprendizagem” (Silva 2011: 7), uma vez que quando as crianças iniciam o seu percurso escolar no estudo da língua materna é quase “exclusivo o treino das capacidades escritas” (*Ibidem*: 7), fenómeno que se vai repetindo até ao ensino secundário. Veja-se que os primeiros exercícios elaborados na escola são, habitualmente, os ditados, as cópias e/ ou as composições.

Os novos programas e as Metas Curriculares afirmam que existe a necessidade de praticar o oral na sala de aula, vindo aos poucos a insistir nessa prática. É pretendido que exista “focalização no trabalho sobre os textos (orais e escritos) ...” (Buescu 2014: 5), mas na realidade durante as aulas, os diferentes tipos de texto são aprofundados a nível escrito e não a nível oral. Por exemplo, a estrutura de um anúncio publicitário é estudada na vertente escrita, esquecendo-se que a estrutura oral difere dessa.

Os alunos vão tomando consciência de que a fala pode ser formal ou informal. A segunda adotam-na em qualquer situação familiar ou amigável, no entanto “a aprendizagem do oral formal é determinante” (*Ibidem*: 9) para que criem a capacidade de expor, criticar e argumentar de forma lógica e coerente.

Segundo Buescu, “o objetivo da disciplina de língua portuguesa ou português nos Ensino Básico e Ensino Secundário é a melhoria da competência linguística, oral e escrita, dos alunos ...” (*Ibidem*: 10). Por que razão não representam as duas modalidades o mesmo peso na avaliação final? Se o objetivo é preparar os alunos para viver em sociedade, a fala, a par da escrita, são os domínios mais utilizados e, portanto, seria neles que mais se deveria investir. Relativamente aos objetivos gerais das Metas Curriculares, observa-se que muitos deles incidem na oralidade: “1 - Compreender textos orais de complexidade crescente e de diferentes géneros, apreciando a sua intenção e a sua eficácia comunicativas; 2 - Utilizar uma expressão oral correta, fluente e adequada a diversas situações de comunicação; 3 - Produzir textos orais de acordo com os géneros definidos no Programa; (...) 9 - Desenvolver o espírito crítico, no contacto com textos orais e escritos e outras manifestações culturais” (*Ibidem*: 11). De que forma surgem os textos orais de diferente complexidade? Será que os alunos “enfrentam” vários textos orais, tentando compreendê-los? Crê-se que os alunos apenas têm contacto com o discurso oral do professor e dos restantes colegas, e, neste caso, a variação não é grande, pois, o discurso acaba por ser semelhante. Os alunos podem ter contacto com áudios, músicas ou documentários e, nesse caso, o género textual varia, assim como a sua complexidade.

1. Compreender textos orais de complexidade crescente e de diferentes géneros, apreciando a sua intenção e a sua eficácia comunicativas.
2. Utilizar uma expressão oral correta, fluente e adequada a diversas situações de comunicação.
3. Produzir textos orais de acordo com os géneros definidos no Programa.
4. Ler e interpretar textos escritos de complexidade crescente e de diversos géneros, apreciando criticamente o seu conteúdo e desenvolvendo a consciência reflexiva das suas funcionalidades.
5. Produzir textos de complexidade crescente e de diferentes géneros, com diversas finalidades e em diferentes situações de comunicação, demonstrando um domínio adequado da língua e das técnicas de escrita.
6. Ler, interpretar e apreciar textos literários, portugueses e estrangeiros, de diferentes épocas e géneros literários.
7. Aprofundar a capacidade de compreensão inferencial.
8. Desenvolver a consciência linguística e metalinguística, mobilizando-a para melhores desempenhos no uso da língua.
9. Desenvolver o espírito crítico, no contacto com textos orais e escritos e outras manifestações culturais.

Figura 2 - Objetivos gerais das Metas Curriculares

É importante que durante as suas aulas o professor contemple todos os descritores de desempenho expostos nas Metas Curriculares, de forma a que ocorra uma aprendizagem bem-sucedida em todos os domínios, de facto, os objetivos específicos de cada domínio aí presentes pretendem preparar os alunos de modo a que se expressem corretamente de acordo com a situação.

Vejam-se as Metas Curriculares relativas ao domínio da oralidade no que concerne ao 11º e 12º anos.

1. ***Interpretar textos orais de diferentes géneros.***
 1. Identificar o tema dominante, justificando.
 2. Explicitar a estrutura do texto.
 3. Distinguir informação subjetiva de informação objetiva.
 4. Fazer inferências.
 5. Reconhecer diferentes intenções comunicativas.
 6. Verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais.
 7. Explicitar, em função do texto, marcas dos seguintes géneros: discurso político, exposição sobre um tema e debate.

2. ***Registar e tratar a informação.***
 1. Selecionar e registar as ideias-chave.

3. ***Planificar intervenções orais.***
 1. Pesquisar e selecionar informação diversificada.
 2. Planificar o texto oral, elaborando tópicos e dispendo-os sequencialmente.
 3. Elaborar e registar argumentos e respetivos exemplos.

4. ***Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.***
 1. Respeitar o princípio de cortesia: pertinência na participação.
 2. Mobilizar quantidade adequada de informação.
 3. Mobilizar informação pertinente.
 4. Retomar, precisar ou resumir ideias, para facilitar a interação.

5. ***Produzir textos orais com correção e pertinência.***
 1. Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.
 2. Estabelecer relações com outros conhecimentos.
 3. Produzir textos adequadamente estruturados, recorrendo a mecanismos propiciadores de coerência e de coesão textual.
 4. Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas.

6. ***Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades.***
 1. Produzir os seguintes géneros de texto: exposição sobre um tema, apreciação crítica e texto de opinião.
 2. Respeitar as marcas de género do texto a produzir.
 3. Respeitar as seguintes extensões temporais: exposição sobre um tema – 4 a 6 minutos; apreciação crítica – 2 a 4 minutos; texto de opinião – 4 a 6 minutos.

Figura 3 - Metas Curriculares 11º ano - oralidade

1. **Interpretar textos orais de diferentes géneros.**
 1. Identificar tema e subtemas, justificando.
 2. Explicitar a estrutura do texto.
 3. Fazer inferências.
 4. Apreciar a qualidade da informação mobilizada.
 5. Identificar argumentos.
 6. Apreciar a validade dos argumentos aduzidos.
 7. Identificar marcas reveladoras das diferentes intenções comunicativas.
 8. Explicitar, em função do texto, marcas dos seguintes géneros: diálogo argumentativo e debate.

2. **Registar e tratar a informação.**
 1. Diversificar as modalidades de registo da informação: tomada de notas, registo de tópicos e ideias-chave.

3. **Planificar intervenções orais.**
 1. Planificar o texto oral elaborando um plano de suporte, com tópicos, argumentos e respetivos exemplos.

4. **Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.**
 1. Debater e justificar pontos de vista e opiniões.
 2. Considerar pontos de vista contrários e reformular posições.

5. **Produzir textos orais com correção e pertinência.**
 1. Produzir textos orais seguindo um plano previamente elaborado.
 2. Produzir textos linguisticamente corretos, com riqueza vocabular e recursos expressivos adequados.
 3. Mobilizar adequadamente marcadores discursivos que garantam a coesão textual.

6. **Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades.**
 1. Produzir os seguintes géneros de texto: texto de opinião e diálogo argumentativo.
 2. Respeitar as marcas de género do texto a produzir.
 3. Respeitar as seguintes extensões temporais: texto de opinião – 4 a 6 minutos; diálogo argumentativo – 8 a 12 minutos.
 4. Participar ativamente num debate (duração média de 30 a 40 minutos), sujeito a tema e de acordo com as orientações do professor.

Figura 4 - Metas Curriculares 12º ano - oralidade

No tópico n.º 1 “Interpretar textos orais de diferentes géneros”, observa-se que apenas no 12º ano é referida a importância de identificar os subtemas dos textos, não prevendo uma razão para a sua inexistência no 11º ano. Grande parte dos objetivos depende das tipologias textuais estudadas, ou seja, como no 12º ano se aborda, o diálogo argumentativo, é importante que os alunos saibam argumentar, identificando os argumentos válidos. Contudo, no 11º ano são estudados o discurso político e o debate. Em ambos os casos existe a necessidade de reproduzir argumentos válidos e de qualidade, devendo assim surgir como um objetivo explícito.

No que diz respeito ao ponto n.º 3 “Planificar intervenções orais”, salienta-se que as Metas respeitantes ao 11º ano se encontram mais completas, pois existe a preocupação de referir que os alunos devem procurar e selecionar a informação pertinente de acordo com a

apresentação oral. Note-se que, neste caso, as Metas Curriculares já referem a importância dos argumentos, mas apenas na vertente escrita, mostrando aos alunos a importância do seu registo.

Relativamente ao tópico n.º 4 “Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral”, percebe-se que nos dois anos de escolaridade está algo incompleto. Desta forma, e na minha opinião, os dois complementam-se e fazem sentido quando juntos. Os objetivos que faltam no 11º ano estão presentes no 12º ano e vice-versa, por exemplo, “Respeitar o princípio de cortesia: pertinência na participação” deveria constar em ambos os casos.

Já o tópico n.º 5 “Produzir textos orais com correção e pertinência” aparenta ser muito semelhante nos dois anos, as palavras usadas são diferentes, mas o significado parece ser o mesmo. Neste descritor opta-se por realçar a importância da coesão textual, de modo a que a mensagem chegue ao recetor de forma clara, e a importância da diversidade de vocabulário que contribui para o discurso mais rico.

O último ponto, “Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades”, também é semelhante no 11º e 12º ano. Refere-se a produção dos textos que são os respeitantes ao Programa de cada nível de ensino, com exceção do discurso político, que deveria surgir, uma vez que faz parte do ponto n.º 1, no caso do 11º ano. O descritor correspondente à participação ativa num debate poderia estar presente nas Metas de 11º ano, pois também esta tipologia constitui um dos conteúdos programáticos para esse ano de escolaridade.

As Metas Curriculares são breves descritores, que servem de apoio para o professor, para que este possa selecionar quais as atividades adequadas, por forma a cumpri-los. No entanto, quando pensamos em expressão oral pensamos frequentemente em improviso, sem planificação, uma vez que o tempo de reação que o emissor tem para responder ao recetor é curto, não sendo suficiente para organizar o pensamento. Neste caso as respostas são imediatas. Contudo, durante as aulas em que se pratica a fala deve existir uma preparação prévia consoante a tipologia textual e o tema a abordar. Sem essa preparação, para além de existir uma maior tensão por parte dos alunos, estes devem ter em atenção o que dizem para que não seja cometida nenhuma incorreção, seja a nível gramatical ou temático. Note-se que já foi referido que quando tal ocorre, os alunos recorrem ao improviso.

Ainda relativamente às Metas Curriculares, deve evidenciar-se que os alunos vão-nas cumprindo ao longo do percurso escolar, o que explica o não reaparecimento das mesmas em anos de ensino seguintes. Contudo, existem exceções como por exemplo “Explicitar a estrutura do texto” que surge nas Metas Curriculares de 11º e 12º anos. A verdade é que os alunos já deveriam saber expor a estrutura de um texto, no entanto a tipologia textual não é sempre a mesma e, por conseguinte, a estrutura também é distinta.

Existem fenómenos típicos da oralidade que, a meu ver, deveriam ser avaliados, como por exemplo, o tom de voz, adaptando-o às características do meio envolvente, a relação visual mantida com o público ouvinte, a expressividade corporal, a entoação diferenciada consoante

a pertinência da informação, entre outras. Observe-se que todos estes fatores contribuem para um bom ou mau discurso, que fará toda a diferença na hora de avaliar. E, se o domínio do tema a abordar contribui para que a exposição seja mais interessante, já os fatores supramencionados contribuem para que esta seja mais dinâmica. Na verdade, apenas com a prática os aspetos determinantes da avaliação oral vão sendo aperfeiçoados, e dessa forma os alunos terão melhor desempenho nesse domínio.

1.5 O espaço da oralidade nos manuais escolares

Com o passar do tempo têm vindo a aumentar o número de exercícios nos manuais que têm como objetivo a prática do discurso oral. Nesse sentido, verifica-se uma evolução e uma crescente preocupação das editoras em incorporar essa modalidade no instrumento de trabalho quer dos alunos quer dos professores.

Unidade 2		Almeida Garrett, <i>Frei Luís de Sousa</i>	
pp.	EDUCAÇÃO LITERÁRIA	pp.	GRAMÁTICA
76	Mensagens cruzadas	90	Classificação de orações
78	Contextualização histórico-literária	96	Funções sintáticas
85	«Memória ao Conservatório Real», Almeida Garrett	99	Coesão textual
	<i>Frei Luís de Sousa</i> (texto integral)	101	Estruturas frásicas e discursivas
89	Ato Primeiro, Cena I	106	Classificação de orações
91	Ato Primeiro, Cena II	117	Campo lexical
97	Ato Primeiro, Cenas III e IV	126	Coesão textual
102	Ato Primeiro, Cenas V, VI, VII e VIII	127	Dêixis
107	Ato Primeiro, Cenas IX, X, XI e XII	133	Funções sintáticas
111	Ato Segundo, Cenas I, II e III	145	Dêixis
121	Ato Segundo, Cenas IV, V, VI, VII, VIII, IX e X	148	Coerência e coesão textuais
129	Ato Segundo, Cenas XI, XII, XIII, XIV e XV		Dêixis
135	Ato Terceiro, Cena I		Funções sintáticas
140	Ato Terceiro, Cenas II, III, IV, V e VI	pp.	ORALIDADE
144	Ato Terceiro, Cenas VII, VIII e IX	96	Exposição sobre um tema: <i>A Primeira Aldeia Global</i> , Martin Page (livro)
146	Ato Terceiro, Cenas X, XI e XII	108	Texto de opinião: Importância dos valores nacionais
		118	Exposição sobre um tema: «D. Sebastião e a expressão da Liberdade»
		133	Apreciação crítica: <i>Destino</i> , Walt Disney (animação)
		pp.	ESCRITA
		99	Apreciação crítica: <i>Quem és tu?</i> , João Botelho (filme)
		106	Texto de opinião: Citação de Victor Hugo
		139	Exposição sobre um tema: <i>Entre Irmãos</i> , Jim Sheridan (trailer)
		148	Exposição sobre um tema: Paralelismo entre o tempo representado e o tempo da produção da obra <i>Frei Luís de Sousa</i>
		pp.	FICHAS INFORMATIVAS
		100	FI 1 Linguagem e estilo em <i>Frei Luís de Sousa</i>
		109	FI 2 A dimensão patriótica e a sua expressão simbólica I
		119	FI 3 O Sebastianismo: história e ficção
		127	FI 4 Pragmática do discurso: dêixis
		134	FI 5 A dimensão patriótica e a sua expressão simbólica II
		149	FI 6 A dimensão trágica
		152	FI 7 Características românticas em <i>Frei Luís de Sousa</i>
		153	FI 8 Recorte das personagens principais
154	Mensagens de hoje	155	Glossário
		156	Síntese da unidade
		158	Ficha formativa

Figura 5 - Página do índice do manual *Mensagens 11º ano*

Se observarmos o índice do manual *Mensagens 11º ano*¹ (manual adotado pela ESQP), reparamos que este já se encontra dividido consoante a terminologia adequada e presente nas Metas Curriculares. Ou seja, o manual está subdividido nos seguintes domínios: Educação Literária, Gramática, Oralidade, Escrita e Leitura. Percebe-se que em todas as unidades é estudado ou praticado cada domínio.

¹ Cameira, C. e Andrade, A. (2016). *Mensagens - Português 11º ano*. Lisboa: Texto Editores.

No 11º ano, os alunos devem ser capazes de produzir textos orais como apreciações críticas de canções ou filmes, textos de opinião, discursos políticos e exposições sobre temas diversos. No entanto, só na página 50 encontramos o primeiro exercício de prática do oral, no qual os alunos têm de elaborar uma apreciação crítica partindo da audição de uma canção. Na página 62 é solicitado aos alunos que produzam um texto de opinião a partir da leitura de um excerto de um poema, mas em momento algum é referido que os alunos não podem ler o que elaboraram. No caso de os alunos lerem, não estamos perante um exercício de expressão oral. Na verdade, os exercícios das páginas seguintes seguem o mesmo modelo dos dois exemplos anteriores. Se as atividades propostas forem adequadamente executadas, podem ser considerados bons exercícios para a prática da fala e também da compreensão oral (ao escutarem a canção, tirando conclusões) e compreensão escrita (ao lerem o excerto do poema). Efetivamente, durante situações do dia-a-dia podemos enfrentar momentos nos quais temos de fazer uso da compreensão oral e/ou escrita, comentando depois o que ouvimos ou lemos, por exemplo, ao indicar direções ou ao comentar uma notícia do jornal.

ORALIDADE EXPRESSÃO ORAL

Apreciação crítica

SIGA Apreciação crítica
pp. 358

Ouve com atenção a canção de Pedro Abrunhosa «Todos lá para trás», do álbum *Contramão*, de 2013.

1. Elabora uma **apreciação crítica**, com a duração de dois a quatro minutos, em que relaciones a situação do país, retratada na música, com o Capítulo IV do Sermão. Organiza a informação de forma coerente e bem estruturada.



Pedro Abrunhosa, fotografia de Paulo Neves.

Figura 6 - Exercício de expressão oral, página 50 do manual

ORALIDADE EXPRESSÃO ORAL

SIGA Texto de opinião
p. 360

Texto de opinião

Lê o excerto de um poema de Fernando Pessoa, em *Mensagem*, dedicado a Vieira.

O céu 'strella o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

Fernando Pessoa, *Mensagem*, 13.ª edição, Lisboa, Edições Ática, 1986, p. 92.

Num **texto de opinião**, de quatro a seis minutos, defende que Vieira é o «Imperador da língua portuguesa», tendo por base as temáticas mais importantes do Sermão e as suas características discursivas. Planifica a tua apresentação, estruturando um guião (ponto de vista, argumentos e exemplos) que te permita produzir um discurso coerente e coeso.

Figura 7 - Exercício de expressão oral, página 62 do manual

Ao longo do manual existem exercícios nos quais os verbos enunciadores podem ser interpretados como incentivadores à prática oral, por exemplo: “Explica por palavras tuas...”, “Expressa o teu ponto de vista...”, “Descreve o cartaz oralmente...”, “Pronuncia-te, oralmente, sobre...”, “Explicita por palavras tuas...”, “Comenta...” (Cameira & Andrade 2016: 44, 52, 89, 97, 139 e 234 respetivamente).

No referido manual, os autores colocam no canto superior esquerdo as Metas Curriculares para cada página. Tal facto apenas ocorre no manual do professor, de maneira a que este saiba quais os objetivos específicos a atingir em cada atividade e/ ou conteúdo. Seguramente que não serão atingidas todas as Metas aqui descritas, no entanto, percebe-se que elas surgem como linhas orientadoras para a planificação de aula dos professores.

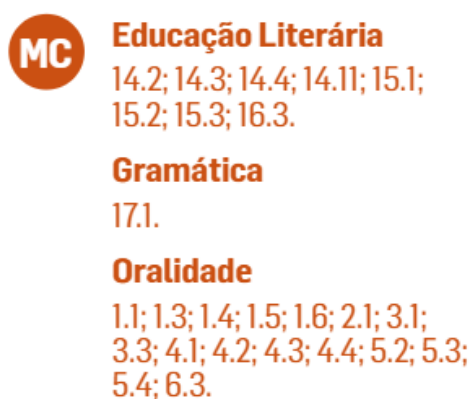


Figura 8 - Informação das Metas Curriculares no manual Mensagens 11º ano, página 332

Como já foi referenciado nos capítulos anteriores, os alunos devem ser preparados para cada tipologia textual, ou seja, devem consciencializar-se do objetivo de cada tipo de texto, qual a sua estrutura e quais as características que apresenta. Saliente-se que o manual dispõe de fichas informativas com essa explicação e de um apêndice denominado SIGA (Síntese Informativa e Gramatical de Apoio) que demonstra aos alunos como devem criar os vários tipos de texto, de acordo com o programa da disciplina.

FICHA INFORMATIVA N.º 6

Discurso político

1. O que é e qual o seu objetivo?

O vocábulo «político» provém do latim *politicus*, vindo do grego *πολιτικός* («politikós»), que significa «dos cidadãos» ou «do Estado», traduzindo *πόλις* («pólis») conceito de «cidade», mas também de «Estado», uma vez que «cidade», na Grécia clássica, correspondia a uma unidade estatal.

Apresenta uma **dimensão ética e social**, apela ao bem comum e compartilha valores de várias ordens (cultural, social, económico...), assumindo-se como voz coletiva. O **objetivo** é convencer o interlocutor a aderir a uma ideia ou a uma causa. Para tal, põe em prática a arte da retórica (arte de bem discursar, por escrito ou oralmente).

2. Qual a sua estrutura?

Introdução

Apresentação da tese que se vai defender, para a adesão do interlocutor.

Desenvolvimento

Apresentação dos argumentos, refutação de contra-argumentos e exibição de provas. Organizado em parágrafos, contendo cada um uma ideia principal.

Conclusão

Confirmação da tese.

3. Que características apresenta?

Caráter persuasivo

Interação com o interlocutor – o locutor questiona, repete, usa o imperativo e a segunda pessoa verbal (singular, plural), e emprega o vocativo em apóstrofes.

Coerência e coesão

Informação significativa, encadeamento lógico dos tópicos, coerência e validade dos argumentos, contra-argumentos e provas.

Eloquência

Exploração dos recursos expressivos e da plasticidade da língua – nomeadamente metáforas, comparações, estruturas sintáticas paralelas, construções de imagens e jogos semânticos.

Capacidade de expor e argumentar

Dinamismo discursivo – nomeadamente entoação, ritmo, tom, pausas oportunas, expressividade e gestos.

Figura 9 - Ficha informativa incluída no manual, página 63

B Apreciação crítica

Uma **apreciação crítica** é um comentário crítico que visa apresentar e analisar manifestações culturais, como um livro, uma música, uma exposição, uma peça de teatro, um filme, um documentário ou outro. É um texto subjetivo e valorativo que parte da análise do objeto para a formulação de um juízo de valor. Pode revestir uma forma **oral** ou **escrita**.

APRECIÇÃO CRÍTICA ESCRITA OU ORAL
O QUE DEVO FAZER?
<p>1. Conhecimentos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrever sucintamente o objeto, acompanhando-o de um comentário crítico. • Registrar os sentimentos e as emoções suscitados pelo objeto. <p>2. Expressão/discurso</p> <ul style="list-style-type: none"> • Usar uma linguagem valorativa (depreciativa ou apreciativa) através do uso de adjetivos, advérbios, repetições, etc. • Utilizar um registo de língua corrente, de forma que o leitor comum compreenda a mensagem que se pretende veicular. • Utilizar a primeira ou a terceira pessoas gramaticais e o presente do indicativo. • Utilizar predominantemente frases declarativas e exclamativas. • Utilizar recursos expressivos (metáfora, hipérbole, comparação, eufemismo, ironia, etc.). • Usar articuladores do discurso. • Mobilizar adequadamente os recursos da língua, nomeadamente vocabulário adequado ao tema. <p>Para a apreciação crítica oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilizar adequadamente os recursos verbais e não verbais: postura, tom de voz, articulação das palavras, dicção, entoação, ritmo e expressividade (ACO). • Utilizar adequadamente, sempre que oportuno, ferramentas tecnológicas de suporte à intervenção oral (ACO).
QUAL A ESTRUTURA?
<p>Introdução: apresentação/descrição sucinta do objeto a apreciar.</p> <p>Desenvolvimento: posicionamento crítico relativamente ao objeto em apreciação, com apresentação de juízos de valor (argumentos objetivos e consistentes a favor e/ou contra), devidamente fundamentados.</p> <p>Conclusão: síntese do que foi apresentado e reforço do posicionamento crítico.</p>

Figura 10 - Estrutura da apreciação crítica presente na SIGA, página 358

Passemos agora ao manual de 12º ano, *Expressões 12²*, que apresenta uma organização diferente do manual anterior. Em primeiro lugar, por ser um manual mais antigo do que o *Mensagens 11º ano*, em segundo lugar, porque não apresenta uma divisão por domínios no índice, ou seja, surge uma determinada atividade e, logo de seguida, surge o domínio que vai ser trabalhado.

² Silva, P. et al. (2016). *Expressões - Português 12º ano*. Porto: Porto Editora.

índice | 5

2 **Eu, em génio e arte**
 Textos épico e epigramático. Os Lusíadas, de Luís de Camões. Metalinguagem de Fernando Pascoal

122 Do sentir ao dizer: a linguagem na "Ode Triunfal", Lino Moreira da Silva (Inf.)
 Escrita [Texto expositivo-argumentativo: Ode]

123 Tenho uma grande constipação, Álvaro de Campos
 Leitura = Compreensão
 Recursos estilísticos. Classes de palavras.

124 Pós-leitura
 Um Campos diferente, Teresa Rita Lopes (Inf.)
 Oralidade [Compreensão oral]
 Dobrada à moda do Porto, Álvaro de Campos (2)

125 O que há em mim é sobretudo cansaço, Álvaro de Campos
 Leitura = Compreensão
 Recursos estilísticos. Classes de palavras.

126 Pós-leitura
 Cântico negro [excertos], José Régio

127 Pré-leitura = Oralidade [Compreensão oral]
 Aniversário, José Manuel dos Santos
 Aniversário, Álvaro de Campos (2)

29 Leitura = Compreensão
 Classes de palavras. Recursos estilísticos. Classificação de orações/frases. Deixis. Relações semânticas entre palavras. Atos ilocutórios.

30 Escrita [Texto de reflexão]
 Os Aniversários, Álvaro Magalhães

31 Pré-leitura = Oralidade [Compreensão oral]
 Paratexto.
 Lisbon Revisited (1923), Álvaro de Campos (2)

32 Leitura = Compreensão
 Oralidade [Compreensão oral]
 Lisbon Revisited (1926), Álvaro de Campos (2)
 Pós-leitura [Dramatização]

13 Pré-leitura
 Tabacaria [excertos], Álvaro de Campos

15 Leitura = Compreensão
 Paratexto.

6 Pós-leitura
 Na tabacaria, valter hugo mãe

7 Oficina de escrita [Texto de reflexão]
 Campos: "A ilha mais lúcida do arquipélago" pessoano, Isabel Pascoal (Inf.)

8 O percurso poético do engenheiro-poeta, Auxília Ramos e Zaida Braga (Inf.)

HETERONIMIA: UMA CONCLUSÃO

1 Ser é ousar, Inês Pedrosa
 Leitura = Compreensão
 Paratexto.
 Escrita
 28, José Manuel Xavier (2)
 Pós-leitura [Leitura de imagem – BD. Dramatização. Criação de vídeo]
 Oficina de escrita [Texto de reflexão. Entrevista]

CONTRATO DE LEITURA
 O rosto e as máscaras da heteronímia, David Mourão-Ferreira (Inf.)

FICHA FORMATIVA 1

147 Objetivos

148 A Camões, Manuel Bandeira

149 Fernando Pessoa, Manuel Alegre
 Um grande poeta num pequeno país, Clara Ferreira Alves

LUÍS DE CAMÕES: O HOMEM E A OBRA NO SEU TEMPO

150 Pré-leitura
 Epitáfio para Luís de Camões, José Saramago
 Luís de Camões, esse desconhecido, Luís Almeida Martins

151 Leitura = Compreensão
 Recursos estilísticos. Coesão. Classes de palavras.

152 Pós-leitura = Oralidade [Compreensão oral]
 O Renascimento Humanista, José Oliveira Macêdo (2)
 Renascimento, Dicionário de Metalinguagens da Didática (Inf.)
 Humanismo, Dicionário de Metalinguagens da Didática (Inf.)
 Classicismo, Dicionário de Metalinguagens da Didática (Inf.)
 Renascimento, Humanismo e Classicismo em Portugal, Amélia Pinto Pais (Inf.)

OS LUSÍADAS

154 Pré-leitura = Oralidade [Leitura de imagem – cartoon]
 Epopeia, Manuel Ferro

155 Leitura = Compreensão

156 Escrita
 Os Lusíadas: poema épico, Amélia Pinto Pais (Inf.)
 Coerência. Coesão.

157 As estruturas externa e interna d'Os Lusíadas (Inf.)

159 Os Lusíadas: uma visão global, Anibal Pinto de Castro (Inf.)

161 Os Lusíadas [Canto I, est. 19, 20 e 42]
 Leitura = Compreensão

162 Oralidade [Compreensão oral]
 Os Lusíadas: Consílio dos deuses no Olimpo [Canto I – excertos] (2)

163 Escrita [Resumo]
 O significado da mitologia n'Os Lusíadas, António José Saraiva (Inf.)

164 Pré-leitura
 Os Lusíadas [Canto I, est. 103 a 106]

165 Leitura = Compreensão
 Recursos estilísticos.
 Pós-leitura [Leitura de imagem – cartoon]

166 Os Lusíadas [Canto II, est. 101, 108, 109 e 110, Canto III, est. 1, 2, 3 e 5 – excertos]

167 Leitura = Compreensão
 Coesão. Modalidades de reprodução do discurso. Atos ilocutórios

168 Pré-leitura = Oralidade [Compreensão oral]
 Histórias assim mesmo – "A lenda da batalha de Ourique", Mafalda Lopes da Costa (2)
 Os Lusíadas [Canto III, est. 42 a 46, 50, 53 e 54]

Figura 11 - Página do índice do manual Expressões 12º ano

Na página 15 do manual surge um exercício de exposição oral, que deve ser realizado a partir da visualização de uma reportagem. Saliente-se a importância dada pelo enunciado à preparação da apresentação oral, de forma a que o aluno se sinta mais seguro com a informação que vai expor diante dos seus colegas.

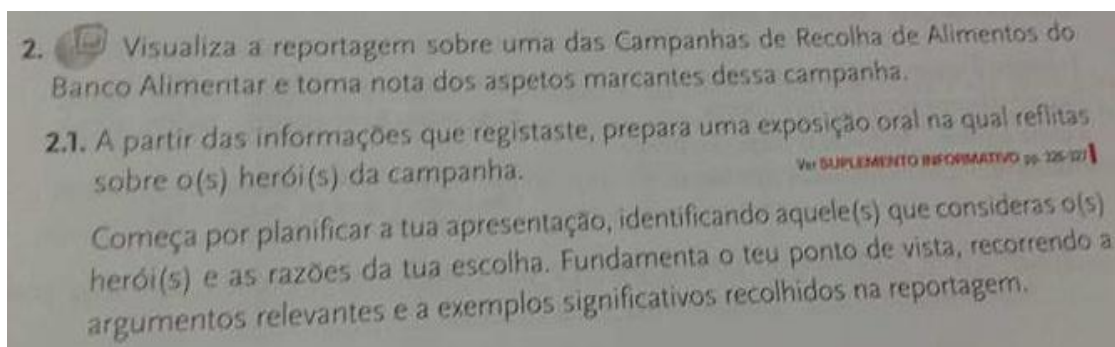


Figura 12 - Exercício de expressão oral, página 15 do manual Expressões

Neste manual são vários os exercícios que pretendem que o aluno faça a leitura de imagens ou cartoons, tirando conclusões acerca do que vê, de forma a estabelecer comparações com os textos de educação literária. Este género de exercícios é positivo, uma vez que o aluno é tentado a compreender o que observa, expondo, posteriormente, a sua opinião. Tome-se como exemplo as seguintes atividades:

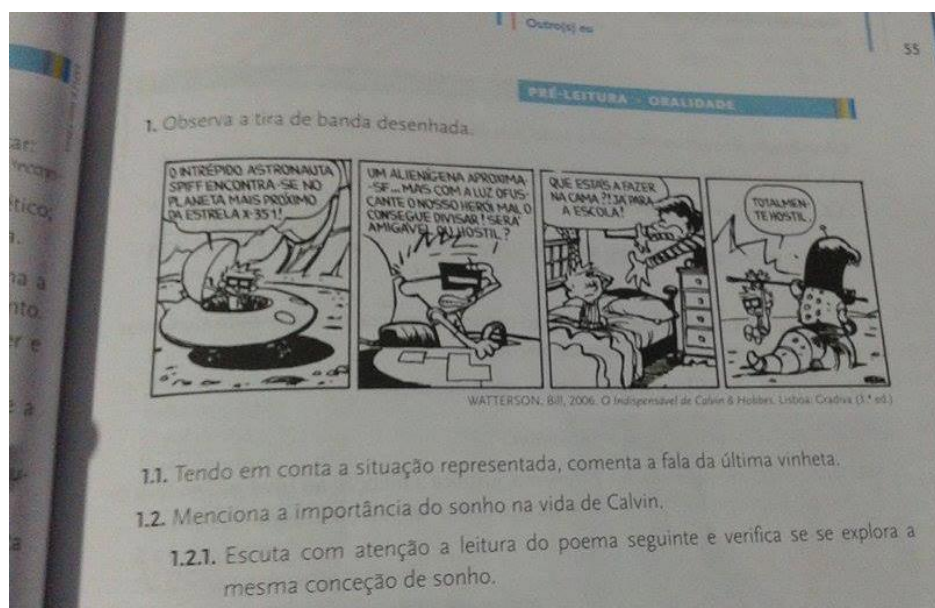


Figura 13 - Atividade de leitura de imagem e exposição oral, página 55

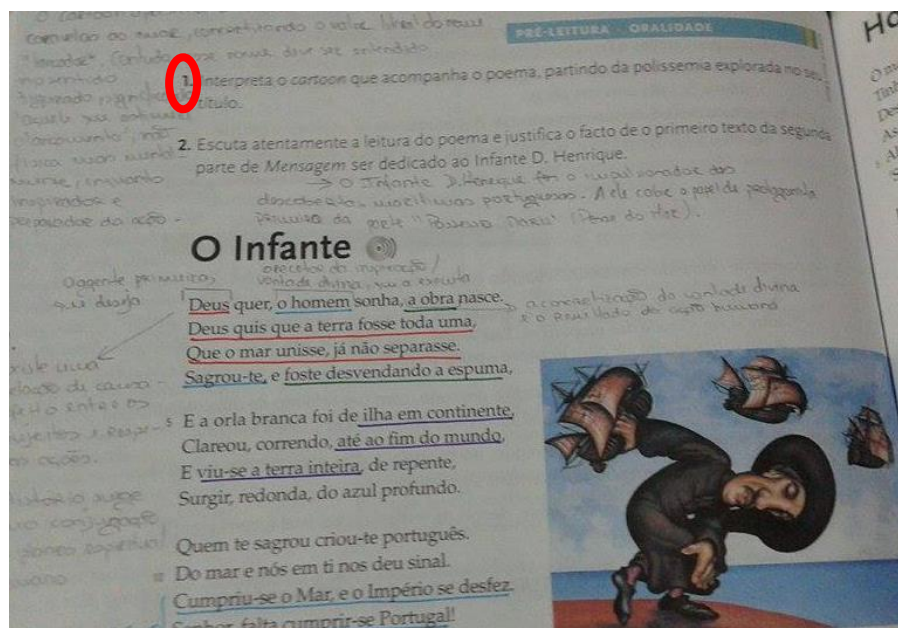


Figura 14 - Atividade de leitura de imagem e expressão oral, página 216

Inserida na unidade didática que estuda a obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, surge uma atividade que propõe a dramatização de um poema incluído na coletânea. Este género de atividade, apesar de não ser habitual nos manuais, é bastante rico e diversificado, uma vez que alia a escrita à oralidade, treinando-se a entoação, o tom de voz e a expressividade numa modalidade textual com características especiais.

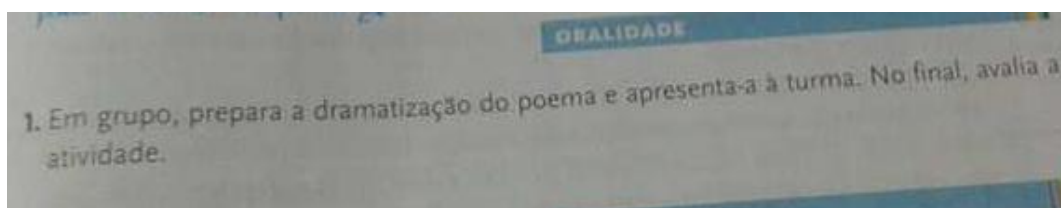


Figura 15 - Atividade de dramatização, página 219

Por último, deve referir-se que são escassas as atividades que incluem debates, troca de opiniões e argumentos, que são algumas das melhores formas para os alunos exprimirem o que sentem e o que pensam, pois expõem as suas ideias, os seus ideais, fomentando a arte de bem argumentar. Veja-se um dos exemplos encontrados no manual.

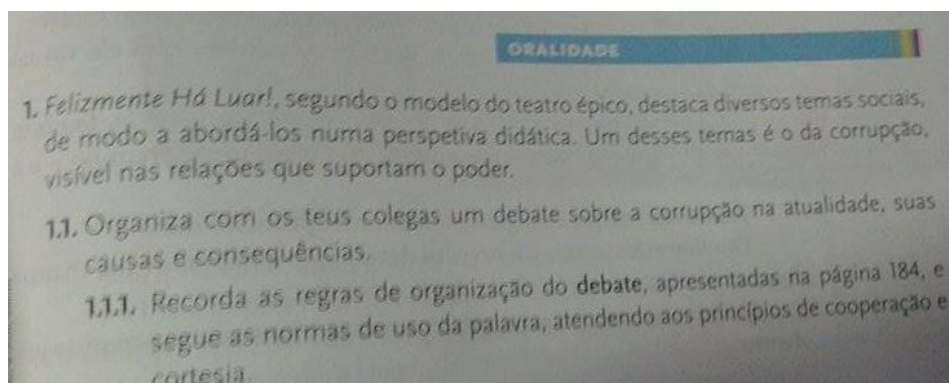


Figura 16 - Exercício de debate, página 265

À semelhança do manual de 11^o ano, o manual *Expressões 12* tem exercícios que incitam à prática da oralidade, partindo dos verbos que iniciam as frases, por exemplo “Refere...”, “Descreve...”, “Menciona...”, “Expõe...”, “Comenta” (Silva 2016: 69, 113, 175, 175 e 189 respetivamente).

Em ambos os manuais são diversas as atividades de compreensão do oral e de leitura de imagem, a partir das quais se pratica a fala. Podem caracterizar-se tais atividades como positivas e produtivas para os alunos, pois permite-lhes comentar algo que escutam ou observam, treinando a prática de vários domínios.

Em suma, é de notar que as editoras mostram preocupação em incorporar atividades diversificadas nos manuais, que ajudem os alunos a potencializar cada domínio. É natural que a mudança não seja abrupta, mas sim gradual, de forma a que existe um equilíbrio nas várias competências (Escrita, Educação Literária, Gramática, Oralidade e Leitura). Deste modo, a oralidade vai conquistando espaço nas Metas Curriculares, nos manuais e, conseqüentemente, na sala de aula.

Deste modo, o grande problema das atividades incluídas nos manuais é o facto de apresentarem um carácter de estereótipo, de modelo, não existindo a prática de atividades passíveis de realização no dia-a-dia, como debates, minientrevistas de emprego, exposições orais sem recurso a suportes escritos e seminários. Este tipo de exercícios pode surgir em qualquer momento da vida e em qualquer área profissional. Efetivamente, nenhum posto de trabalho está isento da prática da oralidade, da interação e integração na sociedade, pois existe sempre a necessidade de comunicar com os que nos rodeiam. É também por esse princípio que os manuais se deveriam reger, proporcionando atividades que reflitam situações que todos nós podemos enfrentar no quotidiano.

1.6 Apresentações orais dos alunos do ensino secundário: análise

Desde o nascimento que as pessoas contactam com a sua língua materna, no nosso caso contactamos com a língua portuguesa. Os alunos vêm adquirindo competências orais e escritas ao longo do seu percurso escolar e pessoal, contudo, o facto de saberem falar uma língua não significa que a pratiquem. Desta forma, existe a necessidade de treinar a linguagem, quer a nível oral, quer a nível escrito. O que se verifica, porém, é que são muitos os alunos que apresentam dificuldades ao falar perante uma plateia, retraem-se e inibem-se de o fazer. Não obstante, apenas a prática pode levar a uma melhoria nesse domínio, conquistando segurança, tranquilidade e à vontade para falarem em público.

Como já foi referido nos capítulos anteriores, a competência oral tem pouco peso na nota final de período na disciplina de português, quando comparada com os outros domínios, enquanto que nas restantes disciplinas não representa sequer um parâmetro de avaliação. Para que a oralidade seja avaliada, os professores devem determinar um conjunto de descritores que considerem relevantes que um aluno apresente durante as suas exposições orais. Posteriormente, devem possibilitar o acesso dos alunos a esses descritores, de modo a que saibam o que devem corrigir para obterem melhores resultados. Todos os descritores elaborados pela escola, ou pelo professor, devem ter como finalidade a avaliação por parte do docente e a autoavaliação por parte dos alunos.

português de 11º e 12º ano, onde as exposições orais consistiam no mesmo para ambos os anos. Dada a curta extensão do 3.º período letivo, apenas foram elaborados dois trabalhos na modalidade oral, um em cada trimestre.

No primeiro período, os alunos tinham que eleger um poema de Fernando Pessoa, no caso do 12º ano, ou um poema de um conjunto de autores incluído no programa, no caso do 11º ano. O objetivo do trabalho era a análise temática e formal do texto poético e, durante a apresentação, estava proibido o uso de qualquer tipo de suporte informático, com exceção da transcrição do poema. Os problemas que mais se verificaram consistiram na dificuldade em identificar o tema e subtema expressos no texto e em expor à turma a análise do poema, sem se esquecerem de algum tópico. Quando tal acontecia, os alunos recorriam ao suporte de papel que os acompanhava, por forma a fazerem uma exposição coerente. No geral, os alunos apresentaram uma postura rígida, quase estática, com expressividade corporal e facial quase inexistente. Outro dos problemas verificado foi o tom de voz, que era inferior ao desejado, pois os alunos tinham a tendência de falar num tom baixo, o que demonstrava o seu receio e a sua falta de segurança. Apesar de o tom de voz ser um fator muito importante numa exposição oral, uma vez que é através dele que o falante capta a atenção dos ouvintes, os estudantes eram pouco expressivos, não entoando o texto nos momentos adequados. Note-se que a entoação dada a um texto pode ajudar o ouvinte a separar a informação mais pertinente da menos relevante.

De um modo geral, verificou-se positivamente que os alunos procuravam a diversidade de vocabulário e de estruturas gramaticais, evitando a repetição de vocábulos, ideias e bordões. No entanto, percebemos que os alunos interiorizam a ideia de que a produção de um texto oral é simplesmente falar, esquecendo que é necessário “gerar conteúdo, saber organizá-lo e adaptá-lo, tendo em conta o objetivo e o destinatário” (Sardinha 2001: 67).

No segundo período, o objetivo era a preparação da exposição de um tema enquadrado na atualidade, evidenciando a sua relação com uma obra literária estudada até ao momento na escola. Por exemplo, com o tema da corrupção, de que tanto ouvimos falar nos noticiários, deveria encontrar-se uma relação com a obra *Sermão de Santo António aos Peixes*, escrita pelo Padre António Vieira; ou os casamentos por conveniência, que existem em pleno século XXI, deveriam ser relacionados com o romance de José Saramago, *Memorial do Convento*. Nestas apresentações os alunos mostraram-se mais confiantes, sendo mais expressivos tanto a nível corporal como a nível oral. Por ser uma apresentação de teor opinativo, os alunos prepararam-se melhor, uma vez que, no geral, conseguiam estabelecer facilmente uma ligação entre a obra escolhida e o tema a abordar.

Observou-se que muitos dos alunos haviam decorado o texto escrito que prepararam anteriormente, refletindo uma maior fluidez no discurso, sem paragens ou repetições. Esta técnica da memorização pode ajudar os alunos, pois sabem que o que escreveram foi bem escrito, e à partida o que vão expor oralmente também estará adequado. No entanto, há alunos que, quando são afetados pelo nervosismo, esquecem o que decoraram e acabam por não

conseguir dizer o que pretendiam. Em alguns casos, esta foi uma prática que deu frutos, levando a que muitos alunos obtivessem a nota máxima no domínio da oralidade.

A verdade é que, numa boa apresentação, tem de haver pré-preparação, para que se saiba muito bem o que se vai enunciar. Não há necessidade de se decorar o discurso, pois por vezes se o tema for bem trabalhado, as ideias surgem facilmente e o discurso consegue ser coerente, correto e coeso. A noção de que a fala se caracteriza pelo improvisado é aceitável, no entanto, e à semelhança do que ocorre no discurso escrito, se efetuarmos um “rascunho”, notamos que as ideias vão surgindo e podemos alterá-lo, permitindo-nos melhorá-lo. Com o discurso organizado e melhorado, apenas existe a necessidade de o “estudar”. Se o discurso oral for composto apenas por improvisado, não existe estruturação. O discurso escrito, ainda que não seja preparado, pode sofrer alterações a qualquer instante; pelo contrário, o discurso oral uma vez exposto pelo falante, não pode fazer-se retroceder e eliminar o que foi dito.

Creio que foram insuficientes os momentos de exposição oral, ou pelo menos, foram escassos aqueles que preparam os alunos para uma vida futura, integrada em sociedade, que implica comunicação. Se houvesse tempo suficiente ao longo do ano letivo, seria produtivo os alunos observarem e analisarem as suas próprias apresentações, existindo a possibilidade da sua repetição, para melhorarem os parâmetros menos positivos. A partir de um estudo de Neves, foi possível concluir que a estratégia de autoscopia resultava positivamente no processo de autoavaliação, uma vez que o aluno “apercebe-se do seu desempenho, dos aspetos positivos e negativos” (Neves 2010: 100), e “incentiva o reforço da identidade do aluno” (*Ibidem*: 100).

Concluindo, sabe-se que a fala é o meio pelo qual se ensina e se aprende, e, ao mesmo tempo, aprender-se a linguagem, sendo um objetivo. Deste modo, não se pode desvalorizar este domínio, pois encontra-se intimamente relacionado com os restantes: um bom domínio do oral pode auxiliar no domínio das outras competências. Os professores devem promover atividades orais formais desde cedo, sem a pressão de cumprimento do programa, pois com a sua extensão e a obrigatoriedade de lecionar todos os conteúdos, torna-se uma tarefa difícil, até impossível, dar atenção a todos os domínios de forma equilibrada. Por muito que um professor deseje ensinar aos alunos a maneira mais correta de usar cada ferramenta, o tempo nem sempre o permite.

Capítulo 2: Estágio Pedagógico

1. Contextualização

Qualquer ação na nossa vida deve ser exercida com um propósito, com um objetivo final. Desta forma, o estágio pedagógico era uma fase que ansiava após o início da vida académica, e era meu objetivo passar por essa fase aproveitando tudo o que me pudessem transmitir. Ao longo do percurso escolar, é provável que os alunos mantenham relações com diversos professores, no entanto, nem todos os marcam de igual forma e apenas alguns perpetuam na sua memória. Na verdade, não é fácil definir o que é ser um bom professor e quais as características que o qualificam. Para Siedentop um professor deve ser capaz de desenvolver interação com os alunos que seja percebida por estes como sincero e confiável; não deve apresentar medo de se expor sentimentalmente, deve ensinar regras e proporcionar valores que contribuem para a vida em sociedade, mostrando gosto pelo ensino e pelos alunos, pois é o docente, que aliado aos discentes, se converte no principal responsável pelo sucesso do ensino (Siedentop 1994). Efetivamente, um professor não possui uma única estratégia de ensino, não se podendo considerar como ideal ou perfeita, uma vez que o ensino depende da situação real-concreta, dos objetivos propostos e dos alunos a quem um professor se dirige.

Assim, durante o estágio pedagógico existe a prática supervisionada por um ou mais professores, mais experientes, orientando os professores estagiários. O estágio é um período na vida adulta que deve ter como objetivo primordial a aplicação dos conhecimentos assimilados no percurso académico, e que se alia ao enfrentamento de situações reais. Mais que um professor estagiário, neste ano de aprendizagens somos alunos, numa perspetiva de aperfeiçoamento profissional e pessoal.

Ao longo deste capítulo será feita uma apresentação da escola, uma breve referência à constituição do núcleo de estágio e a caracterização sintetizada das turmas atribuídas. Posteriormente, apresenta-se uma explicação relativa ao planeamento das aulas, pondo em confronto a planificação de português face à de espanhol, aclarando os materiais e recursos utilizados nas unidades didáticas. Em último lugar, serão descritas as atividades realizadas na escola, nas quais o núcleo de estágio colaborou.

2. Descrição da escola

A Escola Secundária Quinta das Palmeiras fica situada no concelho da Covilhã e foi criada em 1987, numa fase em que havia a necessidade de aumentar os edifícios educativos. A população escolar triplicou desde o início até ao presente ano, mostrando ser uma instituição muito procurada e reconhecida pelos habitantes da cidade, uma vez que são notórios os resultados obtidos pelos alunos.

A ESQP compromete-se a promover a formação pessoal e profissional dos alunos, mostrando-lhes valores humanos éticos e morais, valorizando o conhecimento e as competências que lhes são transmitidas, para que levem a cabo o lema da instituição “Ensino para o sucesso” (*Projeto Educativo da ESQP 2013-2017: 6*) e consigam enfrentar um mundo em constante mudança atingindo sucesso na vida. Com o objetivo da melhoria dos resultados, a escola centrou-se na diminuição do abandono escolar e criou projetos que levassem os alunos a valorizar o saber para mais tarde o praticarem, como foi o caso do projeto “Aprender compensa” (*Ibidem: 7*). Não esquecendo o sucesso dos alunos, a instituição atribui prémios aos melhores alunos (do 7.º ao 12.º ano), de maneira a presenteá-los pela sua dedicação.

Após uma breve análise do projeto educativo da instituição, foi possível concluir que no ano de 2006, durante a Avaliação Externa a que a escola foi sujeita obteve a classificação “Muito Bom” em todos os domínios de desempenho escolar. Na 2.ª Avaliação Externa, a escola voltou a obter a classificação máxima nos três domínios: (I) Resultados (resultados académicos; resultados sociais e reconhecimento da comunidade); (II) Prestação do serviço educativo (planeamento e articulação; práticas de ensino e monitorização e avaliação do ensino e das aprendizagens) e (III) Liderança e Gestão (liderança; gestão e autoavaliação e melhoria). Celebrou em 2007 com o Ministério da Educação o primeiro contrato de autonomia, nomeadamente nas áreas da organização pedagógica e curricular, gestão estratégica, patrimonial e financeira, entre outras. Com base no cumprimento de objetivos a que se propôs no referido contrato, inaugurou em 2010 o Centro Tecnológico em Educação (CTE) e em 2017 o Centro Pedagógico e Interpretativo (CPI), de maneira a fomentar e dinamizar a utilização das novas tecnologias, proporcionando aos alunos espaços de qualidade para as atividades escolares.

A escola apresenta dois níveis de ensino, 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário e opta por dar aos alunos a possibilidade de frequentarem cursos profissionais. É constituída por turmas do 7.º ano ao 12.º ano, com cerca de 410 alunos no ensino básico e 535 no ensino secundário, sendo que no total serão cerca de 950 alunos. No ano decorrente, apresenta 90 docentes, 5 estagiários (três constituem o núcleo de português/espanhol e dois o núcleo de educação física) e cerca de 30 assistentes técnicos e operacionais. A instituição apresenta, além dos espaços já referidos, biblioteca, salas de estudo, laboratórios, pavilhão desportivo, polidesportivo, refeitório, bar de alunos, auditórios, sala de professores, sala de diretores de turma, sala de convívio de alunos, sala de pessoal não docente, entre outros.

Com um conjunto de fatores favoráveis, o MEC distinguiu a nossa escola com o Prémio Anual de Escola - Mérito Institucional no ano de 2013, admitindo a excelência de ensino e elogiando toda a comunidade escolar.



Figura 17 - Visão aérea da escola

3. O núcleo de estágio

O estágio pedagógico representa a última etapa, a chegada à meta da caminhada que se iniciou há dois anos com o ingresso no 2.º Ciclo de Estudos em Ensino do Português e do Espanhol no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Através desta etapa é possível ter uma pequena perceção do que é o trabalho do professor, uma vez que nos são dadas a conhecer as funções e procedimentos do universo escolar, a organização e estruturação dos processos de ensino. Foi possível trabalhar com professores experientes, quer dentro da escola em atividades escolares, quer fora da escola em atividades não letivas, que nos deram total apoio e incentivo, ajudando-nos no que podiam, assim como os assistentes operacionais que tudo fizeram para que nos sentíssemos integradas, auxiliando-nos nas mais variadas tarefas e/ ou atividades. Durante o ano letivo houve a oportunidade de ficarmos elucidadas de como está organizado o ensino, permitindo-nos tomar consciência de como é importante o contacto com os alunos, de forma a estarmos mais atentos ao seu percurso escolar e pessoal, uma vez que será mais fácil ajudá-los se tivermos conhecimento do que se passa à sua volta.

O estágio pedagógico efetuado na Escola Secundária Quinta das Palmeiras decorreu durante um ano letivo (2016/2017) sob a orientação da professora Alice Carrilho a português, e da professora Verónica Cruz a espanhol. Quanto aos professores orientadores da UBI estivemos sob a alçada do Professor Doutor Henrique Manso (orientador do presente relatório e supervisor das aulas de português) e do Professor Doutor Ignacio Vázquez (supervisor das aulas de espanhol).

É importante salientar que todo o trabalho desenvolvido não foi feito de forma individualizada, mas sim de grupo, onde o núcleo de estágio de português/ espanhol constituído pelas professoras estagiárias Ana Janela, Mariana Gomes e Rita Dias para além de trocaram ideias e realizarem as atividades comuns ao núcleo, colaboraram mutuamente nas planificações das aulas assistidas, na preparação destas, elogiando quando a situação o requeria mas aconselhando quando era indispensável, só desta forma conseguimos desenvolver trabalho de qualidade, cumprindo todos os objetivos que nos foram propostos. Assim, fica a sensação de que podemos fazer sempre mais no nosso trabalho, mas estamos conscientes de que demos o nosso melhor, com o intuito de aprendermos todos os dias, e de demonstrarmos o que aprendemos perante os nossos alunos.



Figura 18 - Elementos do núcleo de estágio

4. As turmas atribuídas: caracterização

A prática pedagógica do nosso núcleo de estágio foi disciplinar, e desta forma as turmas atribuídas à professora orientadora de português não correspondiam às turmas da professora orientadora de espanhol. As aulas a supervisionar ficaram definidas nas primeiras reuniões, de forma a que todas passássemos por todos os níveis e conhecêssemos as diferentes realidades que se apresentavam em cada turma.

No entanto, ao contrário do que se encontrava há uns anos atrás, os estágios atuais não preveem a atribuição de uma turma própria aos estagiários. Deste modo, acabam por ficar limitados a lecionar nas turmas que são atribuídas aos orientadores, reduzindo o número de aulas por período letivo. São previstas cerca de três aulas de 90 minutos em cada trimestre, sendo que no total serão doze aulas durante um ano completo, no nosso caso o dobro por lecionarmos duas disciplinas. Na minha opinião, este novo formato de estágio prejudica os estagiários, o tempo para lecionar é reduzido e acabamos por não criar grandes vínculos com os alunos, pois eles próprios se sentem “desconfiados” ao terem um professor novo somente por três aulas. De facto, o escasso tempo de lecionação dá a sensação de não existir tanta progressão, uma vez que o intervalo de tempo entre a última aula do primeiro período e a primeira aula do segundo período é grande.

No caso da disciplina de português, a professora Alice Carrilho estava encarregue de quatro turmas (duas de 11.º ano e duas de 12.º ano). Por outro lado, na disciplina de espanhol, a professora Verónica Cruz ficou responsável por quatro turmas (duas de 7.º ano, uma de 9.º e uma de 10.º). Assim, à disciplina de português apenas lecionamos a ensino secundário, ficando nós com a lacuna de não lecionar ao 3.º ciclo do ensino básico.

Nas reuniões iniciais delineamos quais as turmas atribuídas a cada estagiária em cada período letivo, de maneira a que as turmas tivessem apenas uma professora estagiária por

trimestre, e não lecionássemos os mesmos conteúdos. De facto, este modelo de estágio permite aos alunos ter vários professores na mesma disciplina ao longo do ano letivo, apresentando este facto pontos positivos e negativos, por exemplo o curto período de tempo de leção numa turma não permite a criação de vínculos, no entanto os alunos acabam por ter professores diferentes, podendo adaptar-se melhor aos métodos de um do que de outro, contactando com diferentes formas de lecionar.

Foi elaborada uma tabela onde é possível observar quais os grupos atribuídos a cada estagiária.

Estagiária	1º Período Turma e obra a lecionar	2º Período Turma e obra a lecionar	3º Período Turma e obra a lecionar
Ana Janela	11º B - <i>Frei Luís de Sousa</i> , Almeida Garrett.	12º A - <i>Memorial do Convento</i> , José Saramago.	11º C - <i>O Livro de Cesário Verde</i> , Cesário Verde.
Mariana Gomes	11º C - <i>Frei Luís de Sousa</i> , Almeida Garrett.	12º C - <i>Mensagem</i> , Fernando Pessoa.	11º B - <i>O Livro de Cesário Verde</i> , Cesário Verde.
Rita Dias	12º C - Alberto Caeiro, heterónimo de Fernando Pessoa.	11º B - <i>Amor de Perdição</i> , Camilo Castelo Branco.	12º A - <i>Felizmente há Luar!</i> , Luís de Sttau Monteiro.

Tabela 3 - Descrição das funções delegadas por estagiária e por período letivo – disciplina de português.

Estagiária	1º Período Turma e unidade didática	2º Período Turma e unidade didática	3º Período Turma e unidade didática
Ana Janela	7ºA - “La ropa”.	7ºE - “La familia”.	10ºA/B - “Alimentación”.
Mariana Gomes	7ºE - “En el instituto”.	7ºA - “Los tiempos libres”.	10ºA/B - “Vamos a viajar!”.
Rita Dias	10ºA/B - “A presentarse”	7ºE- “Cuídate”. 9ºC - “Tecnologías”.	*lecionou todas as aulas no 2º período.

Tabela 4 - Descrição das funções delegadas por estagiária e por período letivo – disciplina de espanhol.

Caracterização da turma do 11ºC

Desde o primeiro instante que se entra numa sala de aula inicia-se uma luta importante, pois temos de compreender e acolher cada aluno, conhecê-lo a ele e à sua vida, as suas facilidades e as suas dificuldades, potencializando as suas qualidades, pois cabe ao professor o papel de transmissor não só de conhecimentos como também de valores humanos. Embora não seja simples conhecer aluno por aluno, num conjunto de 200, é sabido que a maioria dos professores se esforça para consegui-lo. Ora, é do conhecimento geral que durante as aulas

existe uma relação professor-aluno onde as ideias/ pensamentos de ambos a condicionam, no entanto, essa relação que se cria não pode ser reduzida ao processo cognitivo de estruturação do conhecimento, uma vez que a componente afetiva e emocional também está presente, e é esse conjunto que permite a criação de vínculos. Desta forma, a partir do momento em que se deu início ao estágio pedagógico existiu uma grande preocupação por parte das professoras estagiárias em conhecer os alunos, pois a ideia de que criar laços com eles facilitaria a lecionação, o que se veio a confirmar no decorrer da prática pedagógica. Imagine-se que existe um aluno gago numa determinada turma, o professor deve conhecer esse facto desde o início para que não ocorram situações embaraçosas como por exemplo, pedir-lhe para ler, uma vez que o aluno não se vai sentir confortável com o pedido. Desta forma, conhecendo os alunos conseguem evitar-se essas situações.

Começo assim por caracterizar as três turmas do ensino secundário às quais foram lecionadas aulas na disciplina de português durante a prática pedagógica e, posteriormente, as três turmas na disciplina de espanhol.

A turma do 11º C formava parte do curso de Ciências e Tecnologias e contava com 21 elementos, 12 raparigas e 9 rapazes, com idades compreendidas entre os 15 e os 16 anos. Segundo o horário da turma, as aulas de português eram à segunda e quarta-feira das 8:20h às 9:50h. Relativamente ao percurso escolar, os alunos não apresentam retenções. Após o ano letivo foi possível concluir que, no geral, a turma apresenta algumas dificuldades na disciplina de português, nomeadamente na leitura e interpretação de texto. Numa perspetiva global, todos os alunos apresentavam falta de pontualidade, uma vez que a aula era o primeiro bloco da manhã.

Respeitante a casos clínicos, verificou-se que um aluno estava diagnosticado com Síndrome de Asperger, o que provocava algumas dificuldades em relacionar-se com os demais colegas, e um outro aluno diagnosticado com dislexia.

Caracterização da turma do 12º C

A turma do 12º C inseria-se no curso de Ciências e Tecnologias e era composta por 27 alunos, dos quais 13 são rapazes e 14 são raparigas. As idades dos alunos estavam compreendidas entre os 17 e os 20 anos. Este grupo de alunos tinha aulas de português à segunda e quinta-feira das 10:05h às 11:35h e à quarta-feira das 11:45h às 12:30.

Nesta turma existiam cerca de quatro alunos com retenções no ensino secundário. Embora se interessassem pouco pela disciplina de português, os alunos conseguiram obter resultados médio-bons. Era um grupo que se encontra composto desde o início do ensino secundário, tendo acolhido os alunos repetentes e dois alunos provenientes de escolas diferentes, um do concelho de Belmonte e outro de Alcácer do Sal. No que respeita a casos clínicos, foi detetado o caso de um aluno com gaguez.

Caracterização da turma do 11º B

A turma B do 11º ano estava composta por 20 alunos, 11 raparigas e 9 rapazes, do curso de Ciências e Tecnologias. Apresentavam idades compreendidas entre os 15 e 16 anos. Relativamente ao horário, a este grupo as aulas de português eram lecionadas à quarta-feira das 10:05h às 11:35h, e na sexta-feira das 11:45h às 13:15h.

Não foram detetados alunos com retenções nem casos clínicos. No geral, são um grupo de alunos com facilidade em adquirir conhecimentos e que apresentam objetivos bem definidos para o futuro, pois são responsáveis, empenhados e preocupados com a média final, apresentando níveis excelentes na maioria das disciplinas.

Caracterização da turma do 7º E

A turma do 7º E estava composta por 30 alunos, 17 raparigas e rapazes, com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos. Este grupo do ensino básico tinha aulas de espanhol à terça-feira das 11:45h às 13:15 e à quinta-feira das 8:20h às 9:05h. Não foram detetados casos clínicos no conjunto dos alunos, no entanto um aluno apresenta défice de concentração e mostra falta de conhecimentos de anos anteriores, o que prejudicou o seu progresso neste ano letivo, foi verificado que o mesmo aluno não gosta de estudar.

É notória a facilidade que este grupo apresentava em adquirir conhecimentos e competências, em memorizar e em expor trabalhos escritos ou orais, apresentando níveis de criatividade acima da média. Eram alunos que se caracterizavam pela curiosidade, vontade de saber desmedida o que os levava a provocar grande ruído na sala de aula, participação desorganizada e, por vezes, conversas paralelas. Aos resultados excelentes obtidos na grande parte das disciplinas, opunha-se o comportamento dos alunos, que não era adequado a uma sala de aula.

Caracterização da turma do 7º A

A turma do 7º A era constituída por 22 alunos, 7 rapazes e 15 raparigas, com idades entre os 11 e 12 anos. As aulas de espanhol eram lecionadas à segunda-feira das 9:05h às 9:50h, e à quinta-feira das 13:20h às 14:50h. No conjunto dos 22 alunos verificou-se apenas um caso de

retenção. No entanto, existiam vários educandos com dificuldades em reter informação e em adquirir conhecimentos, possuindo apoios em grupo fora da sala de aula, e em alguns casos apoio individualizado. No conjunto dos 22 alunos, apenas três se destacavam pelo nível de classificação “muito bom”. No geral, eram discentes que obedeciam às normas da sala de aula, comportando-se bem na maioria das aulas, mas que mostravam pouco interesse e, por vezes, pouca participação o que dificultava a lecionação das aulas.

Caracterização da turma do 10º A/B

Este grupo surgiu da união de duas turmas diferentes, ou seja, de alunos que escolheram o espanhol como língua estrangeira, sendo na totalidade um conjunto de 16 alunos. As turmas pertenciam ambas ao curso de Ciências e Tecnologias. O grupo da turma A era composto por 8 alunos, 1 rapaz e 7 raparigas, já o grupo da turma B também composto por 8 alunos, apresentava 2 rapazes e 6 raparigas. A disciplina de espanhol era lecionada à segunda e sexta-feira das 11:45h às 13:15. No que toca ao percurso escolar, não foram detetadas retenções nem casos clínicos. Embora a turma seja constituída por alunos de turmas diferentes, ao longo do ano facilmente se ajudaram, interagiram e cooperaram uns com os outros. Caracterizam-se por ser um grupo de alunos trabalhadores, participativos e interessados nas atividades.

5. Atividade letiva em português e em espanhol

Segundo o dicionário, planeamento significa a “determinação dos objetivos e dos meios para os atingir” (Costa 2014 s.v. “planeamento”) e, também a “função ou serviço de preparação do trabalho” (*Ibidem* s.v. “planeamento”). Desta forma, planear uma aula ou uma pequena unidade didática diz respeito à estruturação de todo o processo, ou seja, à definição dos objetivos a alcançar pelos alunos, dos conteúdos a lecionar e selecionar textos ou materiais adequados ao nível de cada turma.

De acordo com Piletti, planear é “assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema” (Piletti 2004:1), uma vez que só frente a frente com ele se decide quais as melhores soluções para que determinado objetivo seja alcançado. Por exemplo, se a primeira aula for preparada com base em materiais audiovisuais, e nos defrontarmos com a problemática de os alunos se desconcentrarem sempre que é usado esse método, existe a necessidade de analisar a situação, encontrando alternativas para que a transmissão de conhecimentos e competências não seja afetada.

O planeamento de ensino é, segundo o mesmo autor, a “tradução em termos mais concretos e operacionais do que o professor fará na sala de aula” (*Ibidem*:2), e contempla quatro etapas: I) Conhecimento da realidade (público-alvo); II) Elaboração do plano; III) Execução do plano e IV) Avaliação e aperfeiçoamento do plano. Assim, o conhecimento da realidade, isto é, das turmas às quais lecionaríamos, foi feito após análise do currículo nacional de português e de espanhol. O passo seguinte passou por selecionar os conteúdos a abordar, os objetivos a alcançar, os recursos a utilizar. Após isso, executa-se o plano, lecionando a aula planificada, e só após essa fase se avalia, se recebe *feedback* e se aperfeiçoa.

Como o currículo nacional já tinha sido analisado pela escola, o trabalho inicial fica focado nas turmas que são atribuídas às professoras. Tivemos acesso à planificação anual (Anexo I) e após uma breve análise, elegemos os conteúdos a lecionar em cada período (tabelas 3 e 4). A planificação didática é entendida, segundo Zabalza, como “uma previsão do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar” (Zabalza 1992:48). De acordo com esta opinião é possível concluir que o professor é livre de tomar decisões no que concerne à conceção da planificação, uma vez que a máxima de um professor será sempre a melhoria da qualidade do ensino, a transmissão de conhecimentos e valores humanos.

Deve salientar-se que as planificações elaboradas para o 11º ano são diferentes das elaboradas para o 12º ano, dado que a nomenclatura não foi adaptada ao último ano do ensino secundário. Por exemplo, o que no 12º ano denominamos de “Funcionamento da Língua”, no 11º ano denomina-se de “Gramática”.

No que toca ao plano de aula de 11º ano, é possível verificar que é composto pelos seguintes pontos: I) Tópicos de conteúdo; II) Domínio e respetivas Metas Curriculares; III) Atividades; IV) Recursos Disponíveis; V) Avaliação; VI) Descritivo da aula e VII) Tempo (em minutos) para cada atividade. Já a planificação de português 12º ano contempla os seguintes

itens: I) Objetivos; II) Conteúdos: Tipos de texto; Leitura; Compreensão oral, Expressão oral e Funcionamento da Língua; III) Textos/ Materiais; IV) Avaliação: V) Descritivo da aula e VI) Tempo (em minutos) para cada atividade.

Convém notar que a planificação de português difere em alguns aspetos da planificação de espanhol, assim, relativamente às planificações de espanhol é de salientar que não existem diferenças na sua conceção entre os níveis de iniciação e os níveis de continuação. Para além de ser elaborado um plano de aula para cada que seja lecionada, é elaborado um plano de unidade didática (Anexo II). Desta forma, a planificação da unidade didática abrange os seguintes itens: I) Objetivos; II) Conteúdos (culturais, funcionais, lexicais e gramaticais); III) Atividades; IV) Recursos; V) Tarefa; VI) Avaliação e VII) Tempo (em minutos). Já o plano de aula para espanhol apenas engloba três itens: I) Descrição de cada momento da aula; II) Tempo para cada atividade e III) Domínio praticado em cada atividade.

Assim, de modo a exemplificar qual foi o trabalho elaborado ao longo do estágio pedagógico, será explicado em seguida o que foi feito em cada aula sendo incorporado um exemplo de uma lição de espanhol de 90 minutos ao 7º ano, assim como uma de 45 minutos. No caso de português junta-se um exemplo de uma aula ao 11º ano e uma de 12º, ambas de 90 minutos cada.

5.1 Primeiro período

A turma atribuída no primeiro período foi o 11º C. O plano anual de português era claro, e neste período teria de lecionar-se *O Sermão de Santo António aos Peixes*, de Padre António Vieira e *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett. A professora orientadora deu-nos a liberdade de eleger a obra de educação literária que quiséssemos, sendo selecionada neste caso a segunda. Com as mudanças ocorridas na atribuição de aulas aos estagiários, coube neste período serem lecionadas três aulas de 90 minutos.



Na primeira aula foi feita introdução ao estudo da obra, primeiro recorrendo ao diálogo para responder à questão “O que é ser romântico?”, e segundo com a visualização de um vídeo informativo sobre a vida e obra de Almeida Garrett. Após contextualização histórico-literária, e para que as obras não surjam aos olhos dos alunos como ilhas sonâmbulas num lago preguiçoso; ou como acidentes num percurso de lógica dificilmente apreensível” (Oliveira 2013), foi lido e analisado o texto “Memória ao Conservatório Real”, dada a sua importância para classificar a obra. Na segunda aula foi feita uma revisão dos elementos constitutivos do texto dramático e deu-se início à leitura da obra. Por último, a terceira aula disse respeito à continuação da leitura e análise de *Frei Luís de Sousa*, abordando-se o mito de D. Sebastião.

Em relação à disciplina de espanhol, existiu a liberdade de escolher unidades didáticas, ou seja, uma unidade que estava prevista para o 2º período poderá ser lecionada no 1º, desde que não estejam implicados conteúdos de níveis mais avançados. Desta forma, foram lecionadas duas aulas de 90 minutos e uma de 45 minutos, a uma turma de 7º ano e cuja unidade se intitulava “En el instituto”. Em toda a preparação houve um cuidado para que todas as

atividades se relacionassem, e não surgissem sem um propósito. Ao longo das três aulas foram abordados alguns verbos no presente do indicativo, vocabulário relacionado com o material escolar, com as disciplinas e com os lugares que se podem encontrar na escola, e também expressões que serviam para localizar objetos no espaço. Nos três períodos letivos, ao final de cada unidade didática, os alunos tinham que elaborar uma tarefa final, que englobava todos os conteúdos aprendidos ao longo das três aulas. Neste primeiro período os alunos elaboraram um cartaz.

Seguidamente surgirá um exemplo de plano de aula usado nas aulas de espanhol nos três períodos letivos, neste caso relativo à primeira aula do estágio pedagógico e, também, o PowerPoint utilizado na respetiva aula.

Plano da 1.ª aula de espanhol, 1.º período

 Escola Secundária Quinta das Palmeiras	PLAN DE CLASE Fecha: ocho de noviembre de 2016 Lecciones números: veintidós y veintitrés (22 y 23) Curso y grupo: 7.ºE Tiempo: 90 minutos Formando/a: Mariana Sofia Casteleiro Gomes Profesora Cooperante del Instituto: Prof. Dra. Verónica Cruz Profesor Orientador de la Universidad: Prof. Doctor Ignacio Vázquez
 UNIVERSIDADE BEIRA INTERIOR	

DESCRIPCIÓN DEL DESARROLLO DE LA CLASE

PRIMERA CLASE DE LA UNIDAD:

❖ **Síntesis de los contenidos de la clase:**

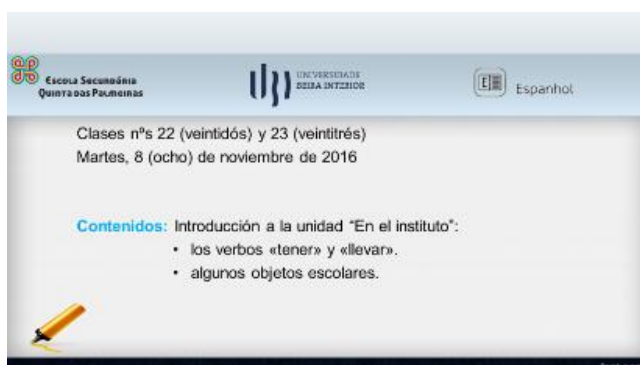
Introducción a la unidad “En el instituto”:

- los verbos «tener» y «llevar»;
- algunos objetos escolares.

❖ **Descripción de la clase**

Descripción de los momentos de la clase:	Tiempo	Destrezas que se atienden en clase:
<ul style="list-style-type: none"> • Proyección y aclaración de los contenidos en la pizarra. Los alumnos los escriben en sus cuadernos. 	10m	Comprensión escrita
<ul style="list-style-type: none"> • Explotación de dos imágenes que introducen el tema del «instituto» y el contraste entre los verbos «tener» y «llevar». Además, a través de las imágenes, se repasan algunas características físicas haciendo el puente con la unidad didáctica anterior. 	5m	Interacción oral Comprensión visual
<ul style="list-style-type: none"> • Explicación de los usos de los verbos <i>tener</i> y <i>llevar</i>. • Conjugación de estos verbos en el presente de indicativo. • Práctica gramatical: se hará un juego, el «tres en raya», que opone dos equipos para descubrir cuál es el que construye más frases correctas con los verbos <i>tener</i> y <i>llevar</i>. Al mismo tiempo, los alumnos van rellenando en una ficha los espacios vacíos para construir las frases que aparecen en el juego. De este modo, se quedarán con las frases y se espera que estén más atentos durante la actividad. 	35 m	(Explicación y práctica gramatical)
<ul style="list-style-type: none"> • Explotación de una imagen de un determinado estereotipo de alumnos que permitirá hacer el contraste entre los verbos <i>tener</i> y <i>llevar</i> y, al mismo tiempo, se introducirá el vocabulario relacionado con el material escolar. 	10 m	Comprensión visual Interacción oral
<ul style="list-style-type: none"> • Proyección de algunas imágenes de objetos utilizados en el aula y ampliación léxica sobre el material escolar. 	15 min	Comprensión visual
<ul style="list-style-type: none"> • Juego para practicar el vocabulario aprendido anteriormente: la profesora reparte una hoja a cada alumno; unos tendrán imágenes y otros tendrán definiciones. El objetivo del juego es que se formen las parejas correctas. 	15 m	Interacción oral

PowerPoint utilizado na 1.ª aula de espanhol, 1.º período



¿En qué lugar está Bart?

Verbo **llevar** (en presente de indicativo)

Singular	Plural
Yo llevo	Nosotros/as llebamos
Tú llevas	Vosotros/as llevais
El/ Ella/ Usted lleva	Ellos/ Ellas/ Ustedes llevan

Llevas un uniforme muy bonito.

1. Completa con el verbo **tener**:

- Nosotros _____ clases los lunes.
- Yo _____ un lápiz negro.
- Tú _____ una mochila verde.
- Ellos _____ unos cuadernos muy bonitos.
- La profesora Verónica _____ un bolígrafo nuevo.

- Miguel _____ el libro de español.
- Constança _____ tiene la mochila en la mesa.
- ¿Vosotros _____ una goma?
- ¿Ustedes _____ clases los sábados?

1. Completa con el verbo **llevar**:

- José, Mateus y Rodrigo no _____ camisetas a la escuela.
- Yo _____ unos zapatos negros.
- Tú _____ una mochila muy guay.
- Yo, Beatriz y Simão no _____ gafas cuando hacemos deporte.
- La profesora Mariana _____ unos pantalones verdes.
- María nunca _____ ningún abrigo.
- Yo _____ mi mochila a la espalda.
- Filipa _____ una camiseta azul.
- Rita, Marta y Lana _____ sandalias iguales.

El empollón

- Lleva unas gafas grandes.
- Lleva unos zapatos marrones.
- Tiene / lleva una mochila naranja.
- En la mochila lleva muchos cuadernos.
- Tiene los dientes salidos.
- Lleva una camisa.
- Tiene / lleva muchos libros.
- En su estuche lleva una regla, un compás.



5.2 Segundo período

No que concerne à disciplina de português, e no 2º período letivo, foram lecionadas três aulas de 90 minutos e uma de 45 minutos na turma do 12º C. De acordo com o Programa anual, existiam duas obras para lecionar, nomeadamente *Mensagem* de Fernando Pessoa e *Memorial do Convento* de José Saramago. Foi eleita a primeira, pelo grande desafio que representava analisar uma obra tão simbólica e cheia de mistérios.

Na primeira aula foram lidos textos sobre Pessoa, à medida que eram estabelecidas comparações com Camões e com *Os Lusíadas*, foi sendo analisada a estrutura tripartida com

analogia ao percurso de Portugal e ao ciclo representativo da vida humana (nascer - crescer - morrer). Nas restantes aulas foram lidos e explorados alguns poemas da obra, de cada uma das partes e foram analisados textos da obra camoniana, de forma a encontrar semelhanças ou diferenças.

Como já havia sido referido, o plano de aula para o 12º ano difere do plano de 11º ano. Por essa razão, é apresentado em seguida o exemplo de plano de aula adotado, relativamente à aula nº 7 de português no estágio, assim como o PowerPoint que serviu de apoio para lecionar a respetiva aula.

Plano da 7.ª aula de português, 2.º período

Plano da 4ª aula de português no 2º período		
Unidade 2 Eu, em génio e arte: Mensagem, de Fernando Pessoa	Ano: 12.º Turma: C Hora: 10:05 – 11:35	Disciplina: Português Ano Letivo: 2016/2017 Professora Estagiária de Português: Mariana Gomes Professora Cooperante da ESQP: Dr.ª Alice Carrilho Professor Orientador da UBI: Professor Doutor Henrique Manso
Lições n.ºs 82 e 83 02/02/2017 Tempo: 90 minutos	Sumário: Continuação do estudo da <i>Mensagem</i> , de Fernando Pessoa: Visualização de um vídeo sobre o poema “O Infante” e análise do texto (p. 216); Leitura analítica do poema “Mar Português” (p.218); Comentário ao texto “Do valer a pena” (p. 219).	
Mensagem, de Fernando Pessoa		
Objetivos	Conteúdos	Textos/ Materiais
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Mobilizar conhecimentos prévios; ✓ Antecipar conteúdos a partir de indícios vários; ✓ Explicitar os sentidos dos textos; ✓ Identificar temas; ✓ Utilizar diferentes estratégias de escuta e leitura; ✓ Identificar recursos estilísticos; ✓ Aplicar as regras do funcionamento da língua; ✓ Explicar o valor polissémico de vocábulos; ✓ Classificar formas verbais. 	<p>Tipos de Texto</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto épico - lírico • Texto informativo (o artigo) • Texto dramático • Epopeia <p>Leitura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de imagem (<i>cartoon</i>) • Texto épico-lírico • Textos informativos <p>Compreensão Oral</p> <ul style="list-style-type: none"> • Poemas de <i>Mensagem</i> • Texto épico - lírico <p>Expressão Oral</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de ideias e opiniões • Leitura de imagem <p>Funcionamento da Língua</p> <ul style="list-style-type: none"> • Recursos estilísticos 	<p>Materiais</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manual <i>Expressões 12</i>, Porto Editora • <i>PowerPoint</i> elaborado pela professora estagiária (anexo I) <p>Textos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Poemas “O Infante” (p. 216) e “Mar Português” (p. 218) • Excerto do conto <i>O Bojador</i>, de Sophia de Mello Breyner Andresen (p. 218) • <i>Os Lusíadas</i> (Canto IV, est. 88-89) (p. 173) • “Do valer a pena” (p. 219)

	<ul style="list-style-type: none"> • Polissemia • Formas verbais 	
Avaliação	Observação direta das atitudes e da participação dos alunos nas aulas.	

Descritivo da aula	Tempo (minutos)
0. Apresentação do sumário para aula.	10 minutos
1. Motivação para o tema: leitura e comentário do <i>cartoon</i> “O lançador de caravelas” (p. 216). A polissemia do vocábulo “lançador”.	3 minutos
2. Desenvolvimento da aula: <ul style="list-style-type: none"> 2.1 visualização e comentário de um vídeo com a interpretação do poema “O Infante” pela Desertuna, da Universidade da Beira Interior. 2.2 Leitura analítica do poema: a ação dos heróis (teofania) e o tom disfórico do sujeito poético (p. 216). 	35 minutos
3. Desenvolvimento da aula: <ul style="list-style-type: none"> 3.1 leitura dramatizada de um excerto do conto <i>O Bojador</i> (p. 218). 3.2 Audição da música “Canção do mar”, de Dulce Pontes, para introduzir a temática do poema “Mar Português”. 3.3 Leitura analítica do texto “Mar Português” (p. 218); Resolução do respetivo questionário (pp. 218-219). 3.4 Comparação do poema: estâncias 88 e 89 do Canto IV d’ Os Lusíadas (p. 173): o sofrimento, a coragem e as conquistas dos portugueses. 	35 minutos
4. Leitura do texto “Do valer a pena” (p. 219) <ul style="list-style-type: none"> 4.1 diálogo com os alunos: a intemporalidade do verso pessoano. 	7 minutos

PowerPoint utilizado na 7.ª aula de português, 2.º período

Lições n.ºs 82 e 83
2 de fevereiro de 2017

Sumário: Continuação do estudo da *Mensagem*, de Fernando Pessoa:
Visualização de um vídeo sobre o poema “O Infante” (p. 216) e análise do texto.
Leitura analítica do poema “Mar Português” (p. 218).
Comentário ao texto “Do valer a pena” (p.219).

“O Infante”

O *cartoon* apresenta o Infante D. Henrique a atirar caravelas ao mar, concretizando o valor literal do nome “lançador”.

No entanto, esse nome deve ser entendido no sentido figurado, significando “aquele que estimula o lançamento”, não física mas mentalmente, enquanto inspirador e preparador da ação.



O lançador de caravelas

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

O Infante

Foi dedicado ao Infante D. Henrique uma vez que este foi o impulsor das descobertas marítimas portuguesas.

Existe uma relação de causa-efeito entre os 3 sujeitos e respetivas ações. No entanto, sem a vontade do primeiro, o segundo não sonhará e a terceira não pode nascer.

- O agente primeiro, que deseja;
- O rector da inspiração/ vontade divina que executa.
- A concretização da vontade divina e o resultado da ação humana.

1 Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

2 E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

3 Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

O Infante

O sujeito poético dirige - se diretamente ao infante.
O uso da 2.ª pessoa do singular indica uma relação de proximidade, que pode ser entendida como mais um sinal de predestinação.

Relação com Sagres:
Simboliza o início da realização do grande sonho de "cumprir o Mar", de fazer o Império. O Infante foi o herói que realizou o sonho.

O verbo desvendar remete para a ideia de revelação.

Apontam para uma terra unificada.
Concretização do desejo divino expresso no v.2.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

O Infante

O desejo divino de unir por via marítima a Terra levou à escolha e sagração do Infante D. Henrique que, com a sua ação, cumpriu a obra espiritualmente concebida. O Infante é representante de Deus, concretizador da sua obra.

Graduação crescente

Em tom disfórico o sujeito poético apela ao Senhor para que contribua para a verdadeira realização de Portugal - o império espiritual, o Quinto Império.

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quis que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te português.
Do mar e nós em ti nos deu sinal.
Cumpru-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

O velho assume uma postura crítica e negativa face ao mar, que vê como sendo fonte de desgraças. Essa postura decorre do contexto histórico - a época das primeiras viagens destinadas a explorar a costa de África e a superar o cabo Bojador -, marcada ainda pela ausência de sucessos e por grandes sacrifícios do povo português.

que ele está ali a

Mu
Cri
... não se vê nada. É só mar.
... vê melhor do que nós. [...] Ele vê bem o que está longe.
(*Quando acabam de falar entra um velho com as barbas compridas e brancas.*)
Velho - Era melhor que visse o que está perto. [...] Pois que há no mar? Distância, solidão, nevoeiro, abismos, temporais, sede, fome, naufrágios, morte. Em breve o Reino estará cheio de crianças órfãs e de mulheres viúvas. Do mar não vem nem glória nem proveito. [...] Gregos e Romanos, Antigos e Modernos, Mouros e Cristãos, nunca ninguém passou além do cabo Bojador!

ANDRISEN, Sophia de Mello Breyner, 2010. *O Bojador*. Lisboa: Caminho (5.ª ed.)

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

Dulce Pontes - Canção do Mar

Fui bailar no meu batel Além do mar cruel E o mar bramindo Diz que eu fui roubar A luz sem par Do teu olhar tão lindo	Se eu bailar no meu batel Não vou ao mar cruel E nem lhe digo aonde eu fui cantar Sorrir, bailar, viver, sonhar contigo	Se eu bailar no meu batel Não vou ao mar cruel E nem lhe digo aonde eu fui cantar Sorrir, bailar, viver, sonhar contigo
Vem saber se o mar terá razão Vem cá ver bailar meu coração	Vem saber se o mar terá razão Vem cá ver bailar meu coração	Vem saber se o mar terá razão Vem cá ver bailar meu coração

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

"Mar Português"

1ª parte - Apresenta um tom épico - predomina a valorização do espírito de sacrifício dos portugueses, capazes de superar dificuldades extremas e de, desse modo, provar a sua grandeza espiritual.

2ª parte - O sujeito poético medita sobre o valor dos sacrifícios. A interrogação leva a uma reflexão. As frases do tipo declarativo apresentam a importância da superação de contratempos na realização dos sonhos.

1ª parte - O mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

2ª parte - Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou do céu.

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

"Mar Português"

Vocabulário do campo lexical de sofrimento.

Quantificadores que contribuem para a dimensão comvente dos versos e põem em destaque o número de vidas perdidas.

Interrogação que introduz uma reflexão.

Apresentam a importância da superação de contratempos na realização dos sonhos. O sujeito poético considera que todos os sacrifícios são justificáveis, se o objetivo for nobre.

1 O mar salgado, quanto do teu sal São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

2 Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou do céu.

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

Remete para a conquista e domínio dos mares pelos portugueses, que os ligaram e fizeram com que existisse apenas o "mar" conhecido. Essa união foi o resultado do sofrimento e da coragem do povo.

"Mar Português"

1 - destaca o valor da determinação: com empenho, tudo merece a "pena", ou seja compensa o sofrimento.

2 - refere o Cabo Bojador como metáfora dos objetivos a alcançar, que exigem, frequentemente, "dor", por isso, quem deseja conquistar algo, tem de superar os obstáculos que se lhe deparam.

3 - salienta a conjugação, no "mar", do "perigo" e do "abismo" com o "céu": tudo o que é verdadeiramente custoso tem a sua faceta compensatória.

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou do céu.

Mensagem > 2.ª parte > Mar Português

88 A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co'a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.

Os Lusíadas

89 Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'um choro piadoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

CAMÕES, Luis de. Op. cit. (Canto IV)
L, travão, impedimento.

Do valer a pena (p. 219)


*T*udo vale a pena se a alma não é
pequena*.

Ambos os textos aclaram a ideia de que o sofrimento é necessário para a concretização de grandes conquistas.

À semelhança do trimestre anterior, no 2º período foram lecionadas duas aulas de 90 minutos e uma de 45 minutos, a uma turma de 7º ano, na disciplina de espanhol, preparando a unidade didática “Los tiempos libres”. A primeira aula tinha como objetivo a leção o verbo “gustar” no presente do indicativo, assim era necessário falar dos gostos de alguém de maneira a que os exemplos se tomassem como reais. Na segunda aula abordou-se vocabulário relacionado com tempo livre e com as atividades que os alunos mais gostavam. Na última aula, os alunos aprenderam a conjugar alguns verbos relacionados com as atividades de tempo livre e os advérbios de frequência, de forma a que ficassem aptos para formar frases em que afirmassem com que regularidade faziam determinada atividade. Em todas as aulas recorreu-se sempre à prática, fazendo vários exercícios e recapitulando conteúdos, para que os alunos não ficassem com dúvidas.

Relativamente à tarefa final, os alunos tinham como objetivo a organização de uma festa, assim como as atividades de tempo livre que queriam realizar nessa.

Plano da 5.ª aula de espanhol, 2.º período



PLAN DE CLASE

Fecha: 13 (trece) de febrero de 2017

Lecciones números: 51 (cincuenta y uno)

Curso y grupo: 7.ºA

Tiempo: 45 minutos

Formando/a: Mariana Sofia Casteleiro Gomes

Profesora Cooperante del Instituto: Prof. Dra. Verónica Cruz

Profesor Orientador de la Universidad: Prof. Doctor Ignacio Vázquez

DESCRIPCIÓN DEL DESARROLLO DE LA CLASE

SEGUNDA CLASE DE LA UNIDAD:

❖ **Síntesis de los contenidos de la clase:**

Vocabulario relacionado con las actividades de tiempo libre.

Juego didáctico: “Mimicar”.

❖ **Descripción de la clase**

Descripción de los momentos de la clase:	Tiempo	Destrezas que se atienden en clase:
<ul style="list-style-type: none"> • Proyección y aclaración de los contenidos en la pizarra. Los alumnos los escriben en sus cuadernos. 	10m	Comprensión escrita
<ul style="list-style-type: none"> • Visionado de un capítulo de la serie “Miscelánea Joven” titulado “Conceptos de ocio y tiempo libre”. Los alumnos tendrán que contestar a algunas preguntas que la profesora hace sobre el vídeo. 	7m	Comprensión audiovisual Expresión oral
<ul style="list-style-type: none"> • Explotación de algún vocabulario relacionado con las actividades de tiempo libre. 	5m	Comprensión visual y oral.
<ul style="list-style-type: none"> • Juego didáctico: «Mimicar». <p>La profesora tiene 22 sobres y los distribuye a los alumnos. Solo 11 sobres tienen fotos con actividades de tiempos libres.</p> <p>A los alumnos que les toque el sobre con una foto tienen que hacer mímica para que los demás adivinen la actividad. Los alumnos que no tienen la imagen deberán decir cuál es la actividad formando una frase con el verbo gustar.</p>	15m	Expresión oral Comprensión visual
<ul style="list-style-type: none"> • Ejercicio para practicar el vocabulario aprendido (Ejercicio 1 de la página 36 del libro de actividades <i>Ahora Español! 1</i>). 	5m	Comprensión visual
<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo con los alumnos sobre la tarea final de la unidad. 	3m	Comprensión oral

PowerPoint utilizado na 7.ª aula de português, 2.º período

Actividades de tiempo libre

Clase nº 51 (cincuenta y uno)
Lunes, 13 (trece) de febrero de 2016

Contenidos: Vocabulario relacionado con las actividades de tiempo libre.
Juego didáctico: "Mimicar".

Actividades de tiempo libre

Contesta a estas preguntas sobre el vídeo:

- 1- ¿De qué están hablando las chicas?
- 2- ¿Qué ha hecho Lorena la noche pasada?
- 3- ¿Adónde va Lucía con sus amigas?

A Lucía le gusta A Lorena le gusta

Ir a conciertos Mirar/ Ver la tele

PERO,
hay otras actividades para ocupar nuestro tiempo libre...

Jugar al fútbol

Montar/andar en bici

Ir al cine

Pescar

Bailar

Ir de compras

Salir con los amigos

Pasear

Navegar por internet

Dibujar

Cocinar

Leer

Escuchar música/ Cantar

Tocar un instrumento

Juego: «Mimicar»

- La profesora tiene 22 sobres y los distribuye a los alumnos.
- Solo 11 sobres tienen fotos con las actividades de tiempos libres.
- A los alumnos que les toque el sobre con una foto tienen que hacer mimica para que los demás adivinen la actividad.
- Los alumnos que no tienen la imagen deberán decir cuál es la actividad, formando una frase con el verbo gustar.

Ejemplo: Nos gusta comer.

¿Entendido?



5.3 Terceiro período

No último período do ano letivo, na disciplina de português e no 11º ano, existia a possibilidade de lecionar Cesário Verde ou Antero de Quental. Foi eleito *O Livro de Cesário Verde*, composto por poesia da sua autoria. No conjunto das três aulas de 90 minutos não foram abordados poemas considerados obrigatórios nos programas, uma vez que apenas “O Sentimento dum Ocidental” apresentava esse cariz. Por esse motivo, foram eleitos os poemas que estavam presentes no manual, nomeadamente os poemas “Cristalizações”, “De tarde” e “Num bairro moderno”. Os textos foram lidos e analisados com base em três pontos: I) Divisão em partes lógicas; II) Análise temática e formal e III) Levantamento de recursos expressivos. Assim, na primeira aula analisou-se o texto “Cristalizações”, na segunda aula os poemas “De tarde” e “Em petiz - de tarde”, e na terceira e última aula o poema “Num bairro moderno”. De facto, a última aula do 3.º período coincidiu com a aula supervisionada pelo Professor Doutor Henrique Manso, pelo que era importante contextualizá-lo, elaborando uma fundamentação teórica que servia como suporte para a respetiva aula, referindo o que havia sido abordado nas anteriores, o que iria ser abordado nesse dia, com os objetivos subjacentes, assim como os materiais utilizados.

Neste trimestre letivo, assim como nos anteriores, os materiais usados e os *PowerPoint* foram elaborados de raiz, por mim, com base em pesquisa em manuais e plataformas *online*, não limitando aos recursos disponíveis do manual adotado pela escola *Mensagens 11º ano*.

Plano da 10.^a aula de português, 3.º período

Unidade 6 Cesário Verde, Cânticos do Realismo – <i>O Livro de Cesário Verde</i>	Ano: 11.º Turma: B Hora: 10:05 – 11:35	Disciplina: Português Ano Letivo: 2016/2017 Professora Estagiária de Português: Mariana Gomes Professora Cooperante da ESQP: Dr. ^a Alice Carrilho Professor Orientador da UBI: Professor Doutor Henrique Manso
Lições n.ºs 121 e 122 24.05.2017 Tempo: 90 minutos	Sumário: A poesia de Cesário Verde - «Num bairro moderno»: <ul style="list-style-type: none"> • Audição e leitura expressiva e analítica do poema (pp.342-343); • Resolução do questionário do manual (p.344-345). 	

UNIDADE 2: Almeida Garrett – <i>Frei Luís de Sousa</i>	
Tópicos de conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> • Cesário Verde: - Leitura e análise do poema “Num bairro moderno”.
Domínio	Metas curriculares
Leitura L11	<p>L11</p> <p>7. Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. identificar tema e subtemas, justificando. 2. fazer inferências, fundamentando. 5. explicitar o sentido global do texto, fundamentando. <p>8. Utilizar procedimentos adequados ao registo e ao tratamento da informação.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. selecionar criteriosamente informação relevante.
Gramática G11	<p>G11</p> <p>17. Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. consolidar os conhecimentos gramaticais adquiridos no ano anterior. <p>18. Reconhecer a forma como se constrói a textualidade.</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. distinguir mecanismos de construção da coesão textual. <p>20. Identificar aspetos da dimensão pragmática do discurso.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. identificar deícticos e respetivos referentes.

Educação literária EL 11	<p>EL 11</p> <p>14. Ler e interpretar textos literários.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação da leitura. 2. ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XVII a XIX. 3. identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. 4. fazer inferências, fundamentando. 5. analisar o ponto de vista das diferentes personagens. 7. estabelecer relações de sentido: <ol style="list-style-type: none"> a) entre as diversas partes constitutivas de um texto; b) entre situações ou episódios; c) entre características e pontos de vista das personagens. 8. reconhecer e caracterizar os elementos constitutivos do texto poético anteriormente aprendidos e, ainda, os que dizem respeito a: <ol style="list-style-type: none"> a) estrofe (quintilha); 11. identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa. <p>15. Apreciar textos literários.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos. <p>16. Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais.</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas.
---------------------------------	---

Oralidade O11	<p>O 11</p> <p>1. Interpretar textos orais de diferentes géneros.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. identificar o tema dominante, justificando. 3. distinguir informação subjetiva de informação objetiva. 4. fazer inferências. 5. reconhecer diferentes intenções comunicativas. 6. verificar a adequação e expressividade dos recursos verbais e não verbais. <p>2. Registrar e tratar a informação.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. selecionar e registar as ideias-chave. <p>3. Planificar intervenções orais.</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. planificar o texto oral, elaborando tópicos e dispondo-os sequencialmente. <p>4. Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral.</p> <p>5. Produzir textos orais com correção e pertinência.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente.
----------------------	--

Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção do sumário no quadro. • Leitura de imagem – <i>cartoon</i>: relação de semelhança com o poema “Num bairro moderno”. • Audição do texto poético – divisão em partes lógicas. • Leitura expressiva do poema pelos alunos. • Análise temática e formal: <ul style="list-style-type: none"> ○ Diálogo com os alunos: características do texto narrativo; caracterização espaço-temporal; caracterização de tipos sociais; sentimentos do sujeito poético; marcas do impressionismo; levantamento de recursos expressivos. • Resolução e correção do questionário do manual (pp.344-345).
-------------------	--

Recursos disponíveis	<ul style="list-style-type: none"> • Manual <i>Mensagens 11º ano</i>, Texto editores (páginas 337-340). • Áudio do poema «Num bairro moderno» disponível na plataforma online <i>Escola Virtual</i>. • <i>PowerPoint</i> elaborado pela professora.
-----------------------------	--

Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta das atitudes e da participação dos alunos nas aulas.
------------------	--

Descritivo da aula	Tempo (minutos)
0. Apresentação do sumário para a aula.	10 minutos
1. Motivação para o tema:	5 minutos
a. Leitura de imagem – cartoon - relação com o poema «Num bairro moderno»: a presença do campo na cidade.	
2. Desenvolvimento da aula:	75 minutos
a. Áudio do texto poético «Num bairro moderno»:	5 minutos
i. Relação de semelhança com o poema «Cristalizações» - tipos sociais; espaço degradado vs. espaço «moderno».	
ii. Divisão em partes lógicas:	
○ Caracterização do bairro (vv.1-15);	
○ Caracterização da vendedora de legumes (vv.16-30);	
○ Criação de uma figura imaginada (transfiguração poética do real) (vv. 31-60);	5 minutos
○ Retorno à realidade (contacto da vendedora com o sujeito poético) (vv. 61-100).	
b. Leitura expressiva do poema - análise formal (estrofe, metro e rima) e temática:	
i. A deambulação do sujeito poético pela cidade.	
ii. Desigualdade das classes desfavorecidas face às classes privilegiadas;	40 minutos
iii. Desprezo do criado pela vendedora;	
iv. O campo na cidade;	
v. Transfiguração poética do real cf. «simples vegetais» – corpo humano.	
c. Resolução do questionário do manual em diálogo com os alunos (pp. 344-345): sistematização das respostas - projeção de PowerPoint no quadro.	
	25 minutos

Fundamentação teórica

O objetivo desta fundamentação prende-se com a explicação do que vai ser realizado em aula, quais os materiais escolhidos, a razão da sua escolha e quais os objetivos a alcançar pelos alunos.

Esta fundamentação é referente à terceira e última aula do período. Assim, na primeira aula foi lido e analisado o poema «Cristalizações» abordando tópicos como a poetização do real, o binómio campo/cidade e a preocupação e revolta com a opressão social. Na segunda aula foram interpretados alguns quadros impressionistas que interligamos com o poema «De tarde», este foi lido e analisado abordando o ambiente campestre e bucólico e o contraste entre a mulher anjo e a mulher demónio. Foi também lido o poema «Em petiz - de tarde» que relacionamos com o poema anterior, uma vez que ambos retratam um passeio no campo que se perpetua na memória do eu lírico.

Desta forma, nesta terceira aula dar-se-á continuidade ao estudo da poesia de Cesário Verde com a análise do poema «Num bairro moderno». Com o objetivo de motivar para a leitura do poema será pedido aos alunos que façam a leitura de um cartoon, onde refiram a importância da giga dado que é esta que representa a presença do campo na cidade. Seguidamente vai proceder-se à audição do poema com posterior análise formal (estrofe, metro e rima) e divisão em partes lógicas. Em diálogo com os alunos será feita a análise temática do poema, nomeadamente a deambulação do sujeito poético pela cidade, a desigualdade das classes desfavorecidas em virtude das classes privilegiadas, a presença do campo na cidade e a transfiguração poética do real (vegetais transformados em partes do corpo humano). Será feito o levantamento das características do texto narrativo, a caracterização dos tipos sociais, os sentimentos do sujeito poético e de recursos expressivos.

O PowerPoint visto em aula foi elaborado na totalidade por mim, todos os restantes materiais foram sendo adaptados de outros manuais ou de plataformas online, à medida que se enquadram na sequência lógica da aula.

Em todas as aulas insisti na análise formal do texto poético e no levantamento do tema, pois julguei ser aí que os alunos manifestassem maiores dificuldades. Ao longo de todas as aulas tentei adaptar-me aos alunos e fornecer-lhes materiais adequados ao seu nível, de forma a que a compreensão fosse mais acessível. Segui o manual adotado pela escola *Mensagens 11.º ano*.

A unidade didática para a disciplina de espanhol, no 3º período, destinava-se à turma do 10º A/B - nível de iniciação, e intitulava-se “Vamos a viajar!”. Nesta unidade foram trabalhados vários conteúdos, nomeadamente a formação do pretérito perfeito de alguns verbos, e os seus marcadores temporais, vocabulário relacionado com os meios de transporte e as respetivas preposições a usar. Na segunda aula deu-se continuidade ao estudo dos verbos e os alunos aprenderam nomes de lugares e serviços importantes da cidade. Na última aula foram facultadas instruções aos alunos para que estes soubessem perguntar por uma direção e indicá-la.

Neste último período, como tarefa final, os alunos tinham como objetivo escrever uma página de um diário onde narrassem uma viagem que tinham feito.

“Día de la Hispanidad”

No dia 12 de outubro comemorou-se o “Día de la Hispanidad”, data que simboliza a descoberta da América por Cristóvão Colombo, e que é festejada nos países de língua oficial espanhola. Neste dia foi elaborado um concurso sobre conteúdos socioculturais dos países de língua espanhola, onde participaram turmas de espanhol. Com a ajuda dos alunos foram redigidos e afixados na porta das salas de aula provérbios em espanhol com a apresentação equivalente em português.



Figura 21 - Cartaz informativo do dia celebrado



Figura 22 - Decoração das portas das salas de aula

“Día de los Muertos”

No dia 2 de novembro comemora-se o “Día de los Muertos”. Na escola foram dinamizadas atividades lúdicas como um concurso denominado “Olimpíadas de la Muerte” onde os alunos escreveram poemas irônicos e/ ou cómicos sobre a morte. Existiu um espaço de decoração de máscaras de caveiras e uma sessão fotográfica com as mais originais. Todas as máscaras participantes foram afixadas na biblioteca. Durante a comemoração foi afixado um cartaz informativo, de forma a que toda a comunidade escolar conhecesse as razões da comemoração deste dia, relacionando-o com o Dia de Finados (celebrado em Portugal), e diferenciando-o do famoso *Halloween*.



Figura 23 - Caveiras decoradas



Figura 24 - Cartaz respetivo das atividades realizadas



Figura 25 - Exposição de poemas para o concurso

Tradições Natalícias

Na última semana do 1º período já se aproximavam as férias de natal e, como tal, foi pedido aos alunos que escrevessem mensagens típicas da época festiva de forma a que se decorasse uma árvore. Em algumas turmas foi possível a realização do jogo/ desafio do “Amigo Secreto”, onde os alunos apenas podiam revelar a sua identidade e trocar lembranças no dia 6 de janeiro, data em que se comemora o “Dia de Reis”, na qual os espanhóis abrem os presentes.



Figura 26 - Eleição do amigo secreto, retirando ao acaso o seu nome



Figura 27 - Decoração para a árvore de natal



Figura 28 - Escolha do amigo secreto, aleatoriamente

Jantar de natal da escola

No dia 19 de dezembro, no final do período letivo, realizou-se o jantar de natal da escola no Hotel Puralã, na Covilhã. No referido jantar esteve presente a maioria dos professores da ESQP, e também alguns não docentes. O serão decorreu com alegria e boa disposição de todos os presentes.



Figura 29 - Professoras coordenadoras, Alice Carrilho e Verónica Cruz, com as professoras estagiárias no jantar de natal

Concurso Nacional de Leitura (CNL)/ Olimpíadas da língua portuguesa

No dia 18 de janeiro decorreu na escola o CNL, no qual as professoras estagiárias estiveram presentes na vigilância e correção da prova escrita, assim como assistiram à prova oral, no dia 24 de janeiro.

No dia 10 de março realizaram-se as Olimpíadas da língua portuguesa, onde mais uma vez as professoras estagiárias prestaram a sua colaboração na vigilância e correção de provas.



Figura 30 - Prova escrita do CNL



Figura 31 - Prova oral do CNL

Palestra: “Alguns segredos da Mensagem Pessoaana”

No dia 17 de janeiro, o Professor Doutor Gabriel Magalhães deslocou-se à ESQP com o objetivo de realizar uma palestra intitulada “Alguns segredos da Mensagem Pessoaana”. Todo o núcleo de estágio se envolveu na realização da atividade, no entanto, foi dinamizada por mim, estabelecendo os contactos com o palestrante, fazendo a sua apresentação e agradecimento no dia da atividade. A professora estagiária Ana Janela elaborou o cartaz alusivo à palestra. A atividade destinou-se a duas turmas de 12º ano, uma vez que abordava uma obra estudada nesse ano. No entanto, a palestra estava aberta a toda a comunidade escolar.



Figura 32 - Cartaz informativo da realização da palestra



Figura 33 - Alunos presentes na atividade, no auditório da escola

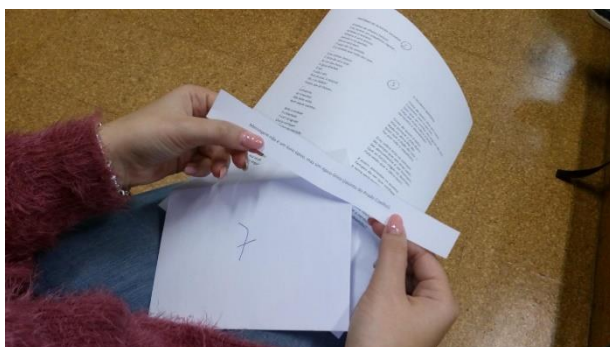


Figura 34 - Segredo da Mensagem revelado

Dia de São Valentim

No dia 14 de fevereiro celebra-se o Dia de São Valentim, e para que esse dia não passasse em branco, o núcleo de estágio propôs aos alunos que trocassem cartas de amor e amizade. Os destinatários das mensagens receberiam um marcador de livro ou uma flor de papel, ambos elaborados pelas professoras estagiárias.



Figura 35 - Cartas escritas pelos alunos



Figura 36 - Marcadores e flores oferecidas aos alunos

Inauguração do Centro Pedagógico e Interpretativo (CPI)

No dia 3 de março foi inaugurado na ESQP o Centro Pedagógico e Interpretativo que contou com a presença do senhor secretário de estado da educação João Costa, e da maioria dos docentes da instituição. O CPI é um espaço reaproveitado na escola e pretende desenvolver e potenciar o que de melhor se faz no domínio educativo, uma vez que os alunos exploram e praticam nas várias áreas disciplinares de forma lúdica e criativa.

Semana da Leitura

Durante os dias 27 a 31 de março celebrou-se mais uma Semana da Leitura. O núcleo de estágio de português/ espanhol celebrou esta semana com desafios diários dirigidos a docentes e discentes. Com a colaboração do núcleo de estágio de educação física foram elaborados desafios lúdicos, culturais e físicos para a realização do *peddy-paper* “Rota dos Leitores”. Toda a escola foi decorada com frases direcionadas para a leitura, de autores conhecidos, e com

andorinhas feitas em cartolina, com o objetivo de escrever algo no seu interior, fazendo referência ao prazer de ler.



Figura 37 - Cartaz divulgador do Peddy - Paper



Figura 38 - Decoração da escola com frases relacionadas com a leitura



Figura 39 - Decoração da escola com andorinhas

Visita de estudo a Sintra e Lisboa

No dia 3 de abril o grupo disciplinar de português realizou uma visita de estudo a Lisboa e Sintra, dando a possibilidade aos alunos das turmas de 11º ano de fazerem o percurso Queirosiano. Durante esta viagem no tempo e no espaço, os alunos puderam visitar locais emblemáticos da vila de Sintra e da cidade de Lisboa que serviram de inspiração a Eça de Queirós para escrever o romance *Os Maias*. As professoras estagiárias acompanharam os alunos durante toda a visita.



Figura 40 - Visita exterior ao Palácio de Seteais



Figura 41 - Quinta da Regaleira

Visita de estudo a Santiago de Compostela e Braga

Nos dias 4 e 5 de maio o grupo de espanhol em articulação com o grupo de educação moral organizaram uma visita de estudo a Santiago de Compostela, onde foi visitada a Catedral da cidade e a Praça do Obradoiro. Foi na mesma cidade que alunos e professores acompanhantes passaram a noite.

No regresso foi possível visitar o Santuário do Sameiro e o Santuário do Bom Jesus de Braga, assim como a zona ribeirinha do Porto. Durante a viagem, os alunos praticaram a língua espanhola e tiveram a oportunidade de conhecer património ibérico.



Figura 42 - Professores acompanhantes na viagem, na Catedral de Santiago de Compostela



Figura 43 - Alunos presentes na viagem, na Praça do Obradoiro



Figura 44 - Escadaria do Santuário do Bom Jesus de Braga

Ao longo de todo o ano letivo as professoras estagiárias colaboraram na vigilância de testes nas turmas de 12º ano, e deram apoio individualizado a um aluno do 9º ano com plano de necessidades educativas especiais.

Considerações finais

Como fomos observando ao longo da pesquisa, a linguagem oral tem grande influência na vida quotidiana enquanto seres humanos que somos visto que é ela que nos possibilita comunicar e participar na vida em sociedade. Considera-se que, em termos históricos, a fala antecede à escrita, no entanto, é à última que é dada maior relevância em termos escolares, uma vez que simboliza o desenvolvimento da linguagem, a evolução e o conhecimento. Efetivamente, se não for a escola a ensinar a linguagem escrita, a maioria dos alunos não vai aprendê-la em outro lugar. Na escola dá-se maior relevo à linguagem oral que surge em contexto informal, existindo lacunas no que concerne aos conhecimentos da linguagem oral formal.

É possível afirmar que o uso da língua é “socialmente condicionado” (Duarte 2000: 350), pois as situações em que se exerce são verdadeiras e determinativas. Deste modo, a situação na qual o indivíduo se encontra condiciona o conteúdo e a forma do seu discurso, determinando o grau da sua formalidade. É de notar que os seres humanos se expressam, na maioria do tempo, através da fala, pelo que a aquisição da linguagem implica aquisição de conhecimentos para o seu uso. Deve ter-se em conta que a fala é espontânea, e em certos contextos não existe a necessidade de ser aprendida, pois o Homem ao contactar com ela, assimila-a. Pelo contrário, a escrita “não é uma consequência do crescimento do ser humano como organismo vivo, antes se trata de uma conquista histórica e cultural das sociedades humanas, pelo que tem de ser ensinada e aprendida” (*Ibidem*: 19).

Os alunos devem ser consciencializados para as dificuldades que apresentam durante a comunicação oral e, para tal, o professor, enquanto motivador para a aprendizagem, deve fazer-se acompanhar de atividades que permitam a prática correta das diversas tipologias textuais, na modalidade oral. Recorde-se que o professor deve ensinar as regras dos textos orais e escritos, de forma gradual. Por outro lado, visto que a fala é transversal a todas as unidades curriculares, é indispensável o seu uso em todas elas, de forma a que os alunos o aperfeiçoem.

Já referimos que todas as pessoas comunicam entre si, com os seus amigos e /ou familiares, de modo diferente, não se podendo caracterizar como bom ou mau, pois é a situação que o categoriza. Todavia, se todos o fizessem conscientes das regras e do vocabulário adequado a cada momento, isso possibilitaria um desenvolvimento e melhoramento do discurso. É certo que não podemos falar pensando nas regras, mas devem alertar-se os alunos para o significado de uma exposição oral contextualizada. Desta forma, os professores devem oferecer aos alunos atividades onde se dê primazia à oralidade, nas diversas situações, não esquecendo a possibilidade de serem criados discursos com recurso à gíria ou aos dialetos, por exemplo.

Desde logo, o professor deve fazer a distinção entre oralidade e escrita, porque, embora a segunda se possa definir como uma forma simplificada de representar a realidade mais complexa que a primeira, não constitui uma representação fidedigna. Note-se que é com base na ideia de que escrita e oralidade são diferentes que os alunos afirmam frequentemente que

“escrever seria mais fácil do que dizer”, pois ficam com a sensação de não selecionar as palavras mais adequadas ao discurso oral.

Como se verificou, os exercícios e as atividades sobre a oralidade presentes nos manuais analisados acabam por passar despercebidas aos olhos dos docentes, uma vez que apresentam, na sua maioria, a mesma forma estereotipada e mecanizada, não existindo oportunidade para a prática do discurso em condições situacionais reais. Assim, os discentes não vão sendo preparados para as exposições orais da forma como os professores desejariam. A frágil preparação dos alunos ao nível da oralidade, poderá incutir nestes o receio de se expressar ao longo da sua vida, seja em contexto pessoal ou profissional. Veja-se que muitas crianças e adolescentes preferem a comunicação através de mensagens escritas com os seus pais ou amigos, à típica chamada telefónica. Por outro lado, o receio de falar em público pode levar os alunos a darem pouca relevância à oralidade: em primeiro lugar porque creem que já sabem falar nas mais variadas situações, o que em muitas ocasiões se vem a desmentir; em segundo lugar, porque a avaliação recai pouco sobre esse domínio, alterando pouco a nota final; finalmente, como o ensino em Portugal, na disciplina de português em particular, se caracteriza por ser na sua maioria expositivo, competindo ao professor o papel de educador e transmissor, não é dada a devida importância à participação do aluno. No entanto, a linguagem oral vem sendo inserida gradualmente nos Programas da disciplina de português, mas serão porventura ainda poucos os professores que a sabem trabalhar convenientemente; pois, os docentes que não estão preparados para o fazer limitam-se a seguir as atividades sugeridas pelos manuais. Deste modo, torna-se urgente a criação de ações de formação sobre o domínio da oralidade na sala de aula, consciencializando o professor, de todas as áreas disciplinares, sobre as melhores práticas e exercícios a realizar em contexto escolar. Seguindo esta linha de pensamento, é importante que os professores passem a mensagem aos alunos acerca da importância de bem falar, uma vez que os docentes conquistam os seus alunos, transmitem-lhes conhecimentos e interagem com eles, na maioria do tempo, através da oralidade. Deste modo, os educandos devem convencer-se da importância da comunicação oral, dado que cada vez mais se constitui como um pré-requisito essencial para entrada e sucesso no mercado de trabalho.

Como foi sendo referido ao longo do presente trabalho, a dificuldade maior dos alunos está na exposição e desenvolvimento de ideias. Efetivamente, eles sabem o que querem dizer, pois elaboram as ideias nas suas cabeças, contudo não sabem como as devem enunciar, isto é, não sabem adotar e adaptar o discurso à situação pretendida, porque numa situação informal com os amigos tal facto não é frequente ocorrer. Além de os alunos acharem que expressar-se oralmente é uma tarefa árdua, têm a ideia de que é necessário falar muito para que a exposição seja considerada de qualidade. Ora, não se podendo generalizar, é difícil afirmar que quem fala mais se expresse melhor, ou que quem fala menos apresente mais dificuldades. Assim, um aluno pode ter uma apresentação de 10 minutos e divagar sem responder ao pretendido, e outro falar durante 2 minutos e chegar ao cerne da questão. O essencial é alertar-se os alunos para a importância de serem diretos e concisos, de modo a que os ouvintes compreendam a mensagem transmitida.

Por forma a servir de modelo de boas práticas, o próprio professor deve ser um bom utilizador da língua, pois deve conhecer bem o que ensina. Além disso, cabe ao professor a transmissão de tranquilidade e segurança aos alunos, motivando-os, elogiando-os e alertando-os, nos momentos adequados. Com esta prática, os professores ajudam os discentes a não terem medo de falhar no momento em que têm de utilizar a linguagem, seja ela escrita ou oral. O docente deve fomentar no aluno o gosto pela língua, fazendo-o pensar nas palavras como peças de lego ou de um puzzle, onde não existe apenas um local de encaixe, mas somente um cabe perfeitamente. Na maioria das ocasiões, os alunos têm consciência das suas limitações ou dificuldades na expressão oral, contudo, existem alguns, que embora não apresentem dificuldades, são tímidos, e têm receio de falar. Recorde-se que nenhum domínio deve ser favorecido em detrimento de outros, pois, como afirma Marcuschi, tanto a escrita como a fala representam o seu papel na história da sociedade, desta forma deve ser equilibrada a abrangência e a prática desses domínios em contexto de sala de aula (Marcuschi 2001: 20).

Em suma, os professores devem convencer-se da relação que existe entre teoria e ação, pois, é através de ambas que um aluno desenvolve determinadas competências. Há um provérbio atribuído a Confúcio, que explica a intenção da prática: “O que eu ouço, eu esqueço. O que eu vejo, eu lembro. O que eu faço, eu entendo.”. *Mutatis mutandis*, é crucial que o aluno tome parte ativa no decorrer da aula, pois “o diálogo é parte significativa de qualquer aula, sendo raras as atividades que se podem levar a cabo sem recorrer a essa forma de interação” (Loureiro 2000: 98). Deste modo, em cada atividade proposta pelos professores, os alunos devem questionar-se, perguntando o quando, o como e o porquê da produção de determinado discurso, pois este encontra-se dependente do contexto. Efetivamente, o espaço da oralidade na sala de aula deve ser reivindicado, de maneira a que os alunos entendam que é através do domínio do oral que constroem a sua identidade.

Relativamente ao estágio pedagógico é de salientar que foi vivenciada uma experiência única, revelando-se um ano repleto de novas aventuras que contribuíram positivamente para a evolução pessoal. Através da prática pedagógica, foi possível aumentar os níveis de segurança e tranquilidade, uma vez que, à medida que lecionávamos, ganhávamos à vontade, mostrando-nos mais confiantes perante as turmas. Efetivamente, houve um contributo de toda a comunidade escolar, desde as palavras incentivadoras das professoras orientadoras às suas críticas construtivas, que contribuíam para a exigência que depositavam em nós, sabendo que tínhamos capacidades de progredir. Foi igualmente importante o apoio dado pelos restantes professores e auxiliares da escola, que sempre se dispuseram para colaborar connosco, a troca de opiniões e ideias, a entreaajuda e o companheirismo entre os membros do núcleo de estágio permitiu uma maior leveza no trabalho, sem nunca existir descuido das nossas obrigações. Deste modo, o ano letivo 2016/2017 revelou-se positivo, oferecendo-nos a possibilidade de entrar no mundo profissional dos professores e conhecer todo o ambiente que os rodeia.

De facto, a prática pedagógica foi o primeiro passo profissional na área da educação, uma vez que nunca tínhamos tido qualquer experiência neste ramo. Para além do contacto com

professores experientes que nos auxiliaram e nos aconselharam pessoal e profissionalmente, contactámos com um vasto número de alunos, de diferentes idades e personalidades. É de salientar as relações que se estabeleceram durante o estágio, desde os professores, aos auxiliares, não descurando os alunos. Deve realçar-se que os discentes cooperaram com as professoras estagiárias na maioria das aulas lecionadas, acolhendo-nos de braços abertos, mostrando interesse, colocando questões e ajudando nos momentos de menor confiança. Com efeito, o ano da prática pedagógica revelou-se um período de adaptação e aprendizagem a realidades desconhecidas. Assim, deparámo-nos com a importância do controlo e gestão do tempo, pois algumas vezes é suficiente o que preparamos, todavia em determinadas aulas é necessário encontrar soluções e estratégias de forma a ocupar o tempo que resta da aula. Também durante o estágio, aprendemos a criar os nossos próprios materiais, desde exercícios de suporte informático a fichas para os alunos, uma vez que as atividades que surgem nos manuais são, em muitas situações, demasiado simples ou complexas, ou não vão ao encontro do que pretendemos, ou não são adequadas ao nível dos alunos.

Numa perspetiva pessoal, considero que o professor não deve ser um mero transmissor de conhecimentos, como se estivesse somente a debitar algo para os alunos absorverem; pelo contrário, um professor deve contribuir para o sucesso escolar dos alunos, não esquecendo o seu desenvolvimento pessoal. Na verdade, um gesto ou uma palavra pode ser muito útil aos alunos. Deste modo, devemos criar laços com as pessoas com quem trabalhamos, de forma a que exista harmonia e gosto pelo que se está a fazer.

Em jeito de conclusão, resta afirmar que o estágio foi uma etapa muito enriquecedora e recompensadora, ao perceber que os alunos apreciavam as nossas aulas, e percebiam o que lhes era transmitido, transformando-se numa conquista para quem lecionava. Para além de professoras estagiárias, fomos alunas, conscientes e satisfeitas com o trabalho desenvolvido e os resultados obtidos, uma vez que alcançamos objetivos aos quais nos propusemos. Efetivamente, ser professor é isso mesmo, é aprender todos os dias com quem nos rodeia, é ser aluno, é apaixonar-se cada dia por uma área, embora pouco valorizada, muito recompensadora. Cada ano letivo que se seguirá será um novo estágio, que incluirá o aparecimento de novas pessoas e novos desafios.

Referências Bibliográficas

- ALONSO, Francisco *et al.* (1992). *Curso de lengua - Técnicas de expresión oral y escrita*. Madrid: Editorial Coloquio.
- AMOR, Emília (2006). *Didática do Português. Fundamentos e Metodologia*. Lisboa: Texto Editora.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1995). *O que é educação*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- BRITO, Ana Maria (org.) (2010). *Gramática: história, teorias, aplicações*. Porto: Fundação Universidade do Porto - Faculdade de Letras.
- BUESCU, Helena Carvalhão e SILVA, M^a Graciete (2014). *Programa e Metas Curriculares de português - ensino secundário*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- BUESCU, Helena Carvalhão e SILVA, M^a Graciete (2015). *Conferência - Complexidade textual*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- CAMEIRA, Célia e ANDRADE, Ana (2016). *Mensagens Português 11^o ano*. Lisboa: Texto Editores.
- CARVALHO, Emanuel (2016). *A Oralidade - ferramenta para ensinar e para aprender!*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Mestrado.
- CARVALHO, M^a Angélica e MENDONÇA, Rosa (2006). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação.
- CASTILHO, Ataliba (1998). *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto.
- COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio (2014). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- DUARTE, Inês (2000). *Língua portuguesa: Instrumentos de análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno (2002). *Producción, expresión e interacción oral*. Madrid: Arco Libros.
- FLÔRES, Onici; Mozara R. da Silva (2005). *Da oralidade à escrita: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística*. Canoas: Universidade Luterana do Brasil.
- GOMES, Aldónio *et al.* (1991) *Guia do professor de língua portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LOUREIRO, Manuel (2000). *Discurso e compreensão na sala de aula*. Porto: ASA editores.
- MADRAZO, Pilar García e GORDÓN, Carmen M. (1997). *Hablar y escribir*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- MAÑÉ, Enrique Vicién (ed.) (2000). *Expresión oral*. Barcelona: Larousse Editorial.

MARCUSCHI, Luiz António (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

MARCUSCHI, Luiz António (2008). *Produção textual, análise de géneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.

MEC (2001). *Actas del VIII seminario de dificultades de la enseñanza del español a lusohablantes: Elaboración de materiales para la clase de español*. Brasília: Embajada de España en Brasília.

MENDONÇA, Albertina *et al.* (2003). *Métodos e técnicas de expressão oral - ensinos básico e secundário*. Porto: ASA editores.

MOREIRA, Adriano *et al.* (2005). *A língua portuguesa: presente e futuro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

NEVES, Cesaltina (2010). *A competência da oralidade: práticas pedagógicas no contexto escolar*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Tese de Mestrado.

OLIVEIRA, Sara R. (2013). “Nas aulas de português, os alunos têm de saber argumentar” in *Educare*. Disponível em <http://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=21547&langid=1>. Consultado a 6 de julho de 2017.

PELLEGRINI, Denise (2016). “Entrevista com Bernard Schneuwly” in *Nova Escola*. São Paulo. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/944/entrevista-com-bernard-schneuwly>. Consultado a 18 de julho de 2017.

PILETTI, Claudino (2004). *Didática Geral*. São Paulo: Ática.

PINTO, M^a da Graça L. Castro (2009) *A linguagem ao vivo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Projeto Educativo 2013-2017 da Escola Secundária Quinta das Palmeiras. Covilhã. Disponível em https://issuu.com/interino/docs/projeto_educativo_2013_-_2017. Consultado a 30 de agosto de 2017.

ROJO, Roxane (2009). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola editorial.

SARDINHA, M^a da Graça (2005). *A Ativação do Conhecimento Temático no Âmbito da Planificação da Escrita*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

SIEDENTOP, Daryl (1994). *Sport education: quality PE through positive sport experiences*. Champaign: Human Kinetics.

SILVA, Fátima *et al.* (2011). *Oral - Guia de implementação do programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

SILVA, Pedro *et al.* (2016). *Expressões 12*. Porto: Porto Editora.

ZABALZA, Miguel (1992). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: ASA editores.

Anexos

Anexo I - Plano anual de português - 11º ano

Domínios, objetivos e descritores de desempenho	Tópicos de conteúdo		Avaliação	Recursos materiais		
<p style="text-align: center;">ORALIDADE (COMPREENSÃO ORAL – CO)</p> <p>1. Interpretar textos orais de diferentes géneros.</p> <ol style="list-style-type: none"> Identificar o tema dominante, justificando. Explicitar a estrutura do texto. Distinguir informação subjetiva de informação objetiva. Fazer inferências. Reconhecer diferentes intenções comunicativas. Verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais. Explicitar, em função do texto, marcas dos seguintes géneros: discurso político, exposição sobre um tema e debate. <p>2. Registar e tratar a informação</p> <ol style="list-style-type: none"> Selecionar e registar as ideias-chave. <p style="text-align: center;">(EXPRESSÃO ORAL – EO)</p> <p>3. Planificar intervenções orais</p> <ol style="list-style-type: none"> Pesquisar e selecionar informação diversificada. Planificar o texto oral, elaborando tópicos e dispondo-os sequencialmente. Elaborar e registar argumentos e respetivos exemplos. <p>4. Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral</p> <ol style="list-style-type: none"> Respeitar o princípio de cortesia: pertinência na participação. Mobilizar quantidade adequada de informação. Mobilizar informação pertinente. Retomar, precisar ou resumir ideias, para facilitar a interação. 	Unidade 0 – Diagnose		<p>Modalidades de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> Diagnóstica; Formativa; Sumativa. <p>Instrumentos de avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> Observação direta (grelhas variadas); Fichas de avaliação; Oralidade (compreensão e produção oral); Leitura; Educação Literária; Escrita (produção escrita); Gramática; Participação / Empenho; Responsabilidade (pontualidade / TPC / material); Comportamento; Auto e heteroavaliação. 	<ul style="list-style-type: none"> Fichas informativas; Quadros informativos; Esquemas informativos; PowerPoint didático; Caderno de Atividades. <p>Registos áudio:</p> <ul style="list-style-type: none"> Declamação de poesia; Programa radiofónico; Música / Canção. <p>Registos audiovisuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> Filme (<i>trailers</i>, excertos e curta-metragem); Programa televisivo; Documentário; Reportagem. <p>Registos visuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> Cartoon; Banda desenhada; Pinturas / Imagens. <ul style="list-style-type: none"> Aula Digital. <p>• Sugestões para o Projeto de Leitura.</p>		
	1.º período	2 tempos letivos				
	<p>CO</p> <ul style="list-style-type: none"> Canção. <p>EO</p> <ul style="list-style-type: none"> Apresentação oral. <p>L</p> <ul style="list-style-type: none"> Crónica. Apreciação crítica. <p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> Texto expositivo. <p>EL</p> <ul style="list-style-type: none"> Identificar temas e ideias principais. Fazer inferências. Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. Estabelecer relações de sentido. <p>G</p> <ul style="list-style-type: none"> Classes de palavras. Sintaxe: <ul style="list-style-type: none"> Funções sintáticas, frase complexa e colocação do pronome pessoal átono. Lexicologia: Campo lexical. 	Unidade 1 – Padre António Vieira, Sermão de Santo António aos Peixes				
	1.º período	19 tempos letivos				
	<p>CO/ EO</p> <ul style="list-style-type: none"> Exposição sobre um tema. Discurso político. Apreciação crítica. Texto de opinião. Apresentação oral. 					

<p>5. Produzir textos orais com correção e pertinência.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente. 2. Estabelecer relações com outros conhecimentos. 3. Produzir textos adequadamente estruturados, recorrendo a mecanismos propiciadores de coerência e de coesão textual. 4. Produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas. <p>6. Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Produzir os seguintes géneros de texto: exposição sobre um tema, apreciação crítica e texto de opinião. 2. Respeitar as marcas de género do texto a produzir. 3. Respeitar as seguintes extensões temporais: exposição sobre um tema – 4 a 6 minutos; apreciação crítica – 2 a 4 minutos; texto de opinião – 4 a 6 minutos. <p style="text-align: center;">LEITURA (L)</p> <p>7. Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar tema e subtemas, justificando. 2. Fazer inferências, fundamentando. 3. Explicitar a estrutura do texto: organização interna. 4. Identificar universos de referência ativados pelo texto. 5. Explicitar o sentido global do texto, fundamentando. 6. Relacionar aspetos paratextuais com o conteúdo do texto. 7. Explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marcas dos seguintes géneros: artigo de divulgação científica, discurso político, apreciação crítica e artigo de opinião. <p>8. Utilizar procedimentos adequados ao registo e ao tratamento da informação.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Selecionar criteriosamente informação relevante. 2. Elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente. 	<p>L</p> <ul style="list-style-type: none"> • Discurso político. • Textos informativos. <p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto de opinião. • Exposição sobre um tema. <p>EL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contextualização histórico-literária. • Objetivos da eloquência (<i>docere, delectare, movere</i>). • Intenção persuasiva e exemplaridade. • Crítica social e alegoria. • Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> – visão global do sermão e estrutura argumentativa; – o discurso figurativo: a alegoria, a comparação, a metáfora; – outros recursos expressivos: a anáfora, a antítese, a apóstrofe, a enumeração e a gradação. <p>G</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise do discurso e pragmática: <ul style="list-style-type: none"> – Texto e textualidade: coerência e coesão. <p style="text-align: center;">Unidade 2 – Almeida Garrett, Frei Luís de Sousa</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 50%; text-align: center;">1.º período</td> <td style="width: 50%; text-align: center;">19 tempos letivos</td> </tr> </table> <p>CO/ EO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exposição sobre um tema. • Apreciação crítica. • Texto de opinião. <p>L</p> <ul style="list-style-type: none"> • Textos informativos. 	1.º período	19 tempos letivos		
1.º período	19 tempos letivos				

<p>9. Ler para apreciar criticamente textos variados.</p> <p>1. Expressar pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.</p> <p style="text-align: center;">ESCRITA (E)</p> <p>10. Planificar a escrita de textos.</p> <p>1. Consolidar e aperfeiçoar procedimentos de elaboração de planos de texto.</p> <p>11. Escrever textos de diferentes géneros e finalidades.</p> <p>1. Escrever textos variados, respeitando as marcas do género: exposição sobre um tema, apreciação crítica e texto de opinião.</p> <p>12. Redigir textos com coerência e correção linguística.</p> <p>1. Respeitar o tema.</p> <p>2. Mobilizar informação adequada ao tema.</p> <p>3. Redigir um texto estruturado, que reflita uma planificação, evidenciando um bom domínio dos mecanismos de coesão textual:</p> <p>a) texto constituído por três partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), individualizadas e devidamente proporcionadas;</p> <p>b) marcação correta de parágrafos;</p> <p>c) utilização adequada de conectores.</p> <p>4. Mobilizar adequadamente recursos da língua: uso correto do registo de língua, vocabulário adequado ao tema, correção na acentuação, na ortografia, na sintaxe e na pontuação.</p> <p>5. Observar os princípios do trabalho intelectual: identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia.</p> <p>6. Utilizar com acerto as tecnologias de informação na produção, na revisão e na edição de texto.</p> <p>13. Rever os textos escritos.</p> <p>1. Pautar a escrita do texto por gestos recorrentes de revisão e aperfeiçoamento, tendo em vista a qualidade do produto final.</p>	<p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exposição sobre um tema. • Apreciação crítica. • Texto de opinião. <p>EL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contextualização histórico-literária. • A dimensão patriótica e a sua expressão simbólica • O Sebastianismo: História e ficção • A dimensão trágica • Recorte das personagens principais • Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> - características do texto dramático; - a estrutura da obra; - o drama romântico: características. <p>G</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise do discurso e pragmática: <ul style="list-style-type: none"> - Dêixis: pessoal, temporal e espacial. <p style="text-align: center;">Unidade 3 – Camilo Castelo Branco, Amor de Perdição</p> <p style="text-align: center;">2.º período</p> <p style="text-align: center;">14 tempos letivos</p> <p>CO/EO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciação crítica. <p>L</p> <ul style="list-style-type: none"> • Artigo de opinião. • Textos informativos. <p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciação crítica. • Texto de opinião. <p>EL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sugestão biográfica (Simão e narrador) e construção do herói romântico. • A obra como crónica da mudança social. • Relações entre personagens. • O amor-paixão. • Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> - o narrador; - os diálogos; - a concentração temporal da ação. 		
--	--	--	--

EDUCAÇÃO LITERÁRIA (EL)	Unidade 4 – Eça de Queirós, <i>Os Maias</i>	
	2.º período	30 tempos letivos
<p>14. Ler e interpretar textos literários.</p> <ol style="list-style-type: none"> Ler expressivamente em voz alta textos literários, após preparação da leitura. Ler textos literários portugueses de diferentes géneros, pertencentes aos séculos XVII a XIX. Identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando. Fazer inferências, fundamentando. Analisar o ponto de vista das diferentes personagens. Explicitar a estrutura do texto: organização interna. Estabelecer relações de sentido: <ol style="list-style-type: none"> entre as diversas partes constitutivas de um texto; entre situações ou episódios; entre características e pontos de vista das personagens; entre obras. Reconhecer e caracterizar os elementos constitutivos do texto poético anteriormente aprendidos e, ainda, os que dizem respeito a: <ol style="list-style-type: none"> estrofe (quintilha); métrica (alexandrino). Reconhecer e caracterizar os elementos constitutivos do texto dramático: <ol style="list-style-type: none"> ato e cena; didascália; diálogo, monólogo e aparte. Reconhecer e caracterizar os seguintes elementos constitutivos da narrativa: <ol style="list-style-type: none"> ação principal e ações secundárias; personagem principal e personagem secundária; narrador: <ul style="list-style-type: none"> – presença e ausência na ação; – formas de intervenção: narrador-personagem; comentário ou reflexão; espaço (físico, psicológico e social); tempo (narrativo e histórico). 	<p>CO/ EO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciação crítica. • Apresentação oral. <p>L</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciação crítica. • Textos informativos. <p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exposição sobre um tema. • Texto de opinião. <p>EL</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contextualização histórico-literária. • A representação de espaços sociais e a crítica de costumes. • Espaços e seu valor simbólico e emotivo. • A descrição do real e o papel das sensações. • Representações do sentimento e da paixão: diversificação da intriga amorosa (Pedro da Maia, Carlos da Maia e Ega). • Características trágicas dos protagonistas (Afonso da Maia, Carlos da Maia e Maria Eduarda). • Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> – o romance: pluralidade de ações; complexidade do tempo, do espaço e dos protagonistas; extensão; – visão global da obra e estruturação: título e subtítulo; – recursos expressivos: a comparação, a ironia, a metáfora, a personificação, a sinestesia e o uso expressivo do adjetivo e do advérbio; – reprodução do discurso no discurso. <p>G</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reprodução do discurso no discurso: <ul style="list-style-type: none"> – Citação, discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre; – Verbos introdutores de relato do discurso. 	

<p>11. Identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa.</p> <p>12. Reconhecer e caracterizar textos quanto ao género literário: o sermão, o drama romântico e o romance.</p> <p>15. <i>Apreciar textos literários.</i></p> <p>1. Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos.</p> <p>2. Valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo.</p> <p>3. Expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.</p> <p>4. Fazer apresentações orais (5 a 7 minutos) sobre obras, partes de obras ou tópicos do Programa.</p> <p>5. Escrever exposições (entre 130 e 170 palavras) sobre temas respeitantes às obras estudadas, seguindo tópicos fornecidos.</p> <p>6. Ler uma ou duas obras do Projeto de Leitura relacionando-a(s) com conteúdos programáticos de diferentes domínios.</p> <p>7. Analisar recriações de obras literárias do Programa, com recurso a diferentes linguagens (por exemplo, música, teatro, cinema, adaptações a séries de TV), estabelecendo comparações pertinentes.</p> <p>16. <i>Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais.</i></p> <p>1. Reconhecer a contextualização histórico-literária nos casos previstos no Programa.</p> <p>2. Comparar temas, ideias e valores expressos em diferentes textos da mesma época e de diferentes épocas.</p> <p style="text-align: center;">GRAMÁTICA (G)</p> <p>17. <i>Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português.</i></p> <p>1. Consolidar os conhecimentos gramaticais adquiridos no ano anterior.</p>	<p>Unidade 5 – Antero de Quental, <i>Sonetos Completos</i></p>			
	<p>3.º período</p>	<p>10 tempos letivos</p>	<p>CO/EO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Texto de opinião. • Apreciação crítica. <p>L</p> <ul style="list-style-type: none"> • Artigo de divulgação científica. • Textos informativos. <p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exposição sobre um tema. <p>EL</p> <ul style="list-style-type: none"> • A angústia existencial. • Configurações do Ideal. • Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> - o discurso conceptual; - o soneto; - recursos expressivos: a apóstrofe, a metáfora, a personificação. 	
	<p>Unidade 6 – Cesário Verde, <i>Cânticos do Realismo (O Livro de Cesário Verde)</i></p>			
	<p>3.º período</p>	<p>18 tempos letivos</p>		
		<p>CO/EO</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apreciação crítica. • Texto de opinião. <p>L</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relato de viagem. • Textos informativos. <p>E</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exposição sobre um tema. • Texto de opinião. • Apreciação crítica. 		

<p>18. Reconhecer a forma como se constrói a textualidade.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Demonstrar, em textos, a existência de coerência textual. 2. Distinguir mecanismos de construção da coesão textual. <p>19. Reconhecer modalidades de reprodução ou de citação do discurso.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Reconhecer e fazer citações. 2. Identificar e interpretar discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre. 3. Reconhecer e utilizar adequadamente diferentes verbos introdutórios de relato do discurso. <p>20. Identificar aspetos da dimensão pragmática do discurso.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identificar deícticos e respetivos referentes. 	<p>EL</p> <ul style="list-style-type: none"> • A representação da cidade e dos tipos sociais. • Deambulação e imaginação: o observador acidental. • Perceção sensorial e transfiguração poética do real. • O imaginário épico (em «O Sentimento dum Ocidental»): <ul style="list-style-type: none"> – o poema longo; – a estruturação do poema; – subversão da memória épica: o Poeta, a viagem e as personagens. • Linguagem, estilo e estrutura: <ul style="list-style-type: none"> – estrofe, metro e rima; – recursos expressivos: a comparação, a enumeração, a hipérbole, a metáfora, a sinestesia, o uso expressivo do adjetivo e do advérbio. 		
--	--	--	--

Anexo II - Plano de unidade de espanhol, 1º período

PLANTILLA DEL PLAN DE UNIDAD

OBJETIVOS El alumno es capaz de...	CONTENIDOS				ACTIVIDADES	RECURSOS	TAREA	EVALUACIÓN	TIEM-PO
<p>Comprender enunciados sencillos escritos y orales sobre actividades cotidianas.</p> <p>Producir oralmente y por escrito breves y sencillos mensajes sobre la escuela.</p> <p>Desarrollar los conocimientos de la lengua y de la cultura española.</p>	<p>Culturales</p> <p>Algunos falsos amigos.</p>	<p>Funcionales</p> <p>Describir físicamente a las personas (repaso).</p> <p>Nombrar los objetos/materiales escolares.</p> <p>Indicar las asignaturas.</p>	<p>Léxicos</p> <p>Material escolar.</p> <p>Nombres de las asignaturas.</p> <p>Lugares del instituto.</p>	<p>Gramaticales</p> <p>Verbos «tener», «llevar» y «estar» en presente de indicativo.</p> <p>Forma verbal «hay» del verbo «haber».</p> <p>Preposiciones “en” y “a”.</p>	<p>Diálogos entre profesor y alumnos.</p> <p>Interacción oral: alumno - alumno.</p> <p>Visionado y análisis de vídeos.</p> <p>Ejercicios de práctica gramatical.</p>	<p>Pizarra.</p> <p>Altavoces.</p> <p>Proyector.</p> <p>Cuaderno del alumno.</p> <p>Manual escolar <i>Ahora Español 1!</i> - Areal editores.</p>	<p>Elaboración de un cartel sobre los alumnos del 7.º E.</p>	<p>Observación directa: asiduidad y puntualidad.</p> <p>Actitudes y valores: respeto, interés, responsabilidad, autonomía (capacidad de aprendizaje de los contenidos y capacidad de aplicarlos).</p>	<p>90m</p> <p>+</p> <p>45 m</p> <p>+</p> <p>90 m</p>

<p>Hablar sobre los objetos/materiales escolares, las asignaturas y los lugares del instituto.</p> <p>Utilizar correctamente los verbos, preposiciones, artículos, y expresiones de lugar estudiados.</p> <p>Identificar diferencias entre el español y su lengua materna.</p> <p>Manifiestar respeto, autonomía y responsabilidad en las actividades desarrolladas en</p>		<p>Hacer la descripción del instituto;</p> <p>Indicar dónde se sitúan algunos espacios del instituto.</p>		<p>Expresiones de lugar (a la izquierda, a la derecha).</p>	<p>Lectura y análisis de textos.</p> <p>Sistematización gramatical.</p> <p>Juegos didácticos: el «tres en raya», «parejas tontas» y el «ahorcado».</p> <p>Trabajos de grupo.</p>	<p>Ordenador.</p> <p>«Tarjetas para saber su turno».</p> <p>Tarjetas con imágenes y definiciones de objetos escolares.</p> <p>Cartel con el juego «tres en raya».</p> <p>Tarjetas con las asignaturas.</p> <p>Video de la película «El gato con botas».</p>			
--	--	---	--	---	--	---	--	--	--

<p>clase, por ejemplo en trabajos de grupo y en juegos didácticos.</p> <p>Articular correctamente los sonidos de la lengua española.</p> <p>Mejorar su confianza ante el aprendizaje de la lengua española.</p> <p>Tener conciencia de algunos falsos amigos.</p>						<p>Plastilina.</p> <p>Fotocopias de fichas de trabajo.</p>			
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--